

Prática de Ensino Supervisionada – Intergeracionalidade: A presença dos avós nas atividades educativas

**Maria Madalena da Silva Pereira**

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*

Orientado por

**Manuel Luís Pinto Castanheira**

Bragança

2022





## **Agradecimentos**

Este relatório tem um sabor de vitória e nesse sentido quero começar por agradecer à Escola Superior de Educação de Bragança que me acolheu.

Um obrigada enorme e especial à pessoa paciente pelo tempo esperado e para com as minhas dúvidas e me orientou no real significado da palavra: o meu orientador, professor doutor Luís Castanheira.

Um agradecimento sem fim à minha família. Em especial ao meu pai que é o meu herói e que me enche de orgulho todos os dias.

Às minhas irmãs pelo ombro amigo e por serem as responsáveis pelo melhor que tenho no mundo, os meus sobrinhos.

Aos meus avós, principalmente a ti avó Albertina que te perdi neste percurso e que me fazes tanta falta.

Ao meu anjo da guarda, Casimiro Antero a estrela mais brilhante que o céu poderá ter.

Ao Mauro, amor de uma vida, quero e espero. Um obrigado pelo amor, pela paciência e pela capacidade de relativizar os problemas, sem ti isto não teria sido possível.

À Soraia, a quem mais do que amiga, já considero família. Por todas as conversas e por me mostrares que há amizades tão verdadeiras e cúmplices.

Ao Emanuel Alves, meu companheiro nesta última etapa, obrigada pela tua generosidade.

Em último lugar mas não menos importante, um muito obrigada às educadoras e professoras às crianças, aos idosos, aos encarregados de educação, às instituições onde as Práticas de Ensino Supervisionadas foram realizadas e em especial a todos os avós que ajudaram a escrever estas linhas.

## Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) integrada no curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança. Este visa apresentar, o trabalho desenvolvido ao longo da PES em três contextos educativos: Creche, na Educação Pré-escolar (EPE) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), pertencentes à rede de ensino privada e pública da cidade de Bragança. O relatório centra-se sobre a relevância da relação entre os avós e os netos, de como esta relação intergeracional pode beneficiar as aprendizagens, bem como os benefícios que podem surgir no contacto com pessoas idosas, em especial os avós. O processo investigativo foi desenvolvido de acordo com uma abordagem qualitativa, em que foram utilizadas várias técnicas de análise e recolha de dados, como questionários, entrevistas, notas de campo e registos fotográficos. Com este estudo, pretende-se, sobretudo, aferir e refletir sobre a participação de avós, sejam elas da 3.ª idade, ou adultos com este papel na vida da criança, e para tal definimos a seguinte questão problema: *Como é que as práticas educativas na Creche/Jardim de Infância (J.I.) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) podem proporcionar uma relação Intergeracional que beneficie as crianças?* Para isso, foram delineados os seguintes objetivos: (i) *Fomentar encontros intergeracionais;* (ii) *Analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros;* (iii) *Verificar o tipo de relação entre idosos/avós e crianças;* (iv) *investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avós.* Concluiu-se que dadas as alterações familiares verificadas, existe uma grande relevância nas relações intergeracionais. Os saberes transmitidos entre avós e netos, são enriquecedores para a sua aprendizagem. Apurámos que a transmissão da herança histórica, familiar, cultural ou a nível das diferentes áreas de conhecimento, por vezes são difíceis de abordar pelos professores. Neste sentido as instituições educativas devem ser protagonistas nesta promoção de relações e fomentar diariamente o contacto entre as gerações, pois as aprendizagens sociais e emocionais são igualmente importantes ao desenvolvimento das crianças.

**Palavras-chave:** Relação escola-família; envolvimento avós/netos; desenvolvimento da criança; sucesso educativo



## Abstract

This report was carried out within the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice (PES) integrated in the Master's course in Pre-school Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, at Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico from Bragança. This aims to present a part of the work developed throughout the PES in the three educational contexts, that is, in the Nursery, in Pre-school Education (EPE) and 1st Cycle of Basic Education (1st CEB), contexts belonging to the private and public education network in the city of Bragança. This report presented here focuses on the relevance of the relationship between grandparents and grandchildren, on how this intergenerational relationship can benefit learning, but we also address the benefits that can arise in contact with elderly people. The investigative process was developed according to a qualitative approach, in which various analysis and data collection techniques were used, such as questionnaires, interviews, field notes and photographic records. With this study, we intend, above all, to assess and reflect on the participation of grandparents, be they 3rd age, or adults with this role in the child's life, and for that we define the following problem question: *How do the Can educational practices in Nursery/Kindergarten (J.I.) and 1st Cycle of Basic Education (1st CEB) provide an Intergenerational relationship that benefits children?* For this, the following objectives were outlined: (i) *Fostering intergenerational meetings;* (ii) *Analyze the sensations/emotions existing in these encounters;* (iii) *Check the type of relationship between the elderly/grandparents and children;* (iv) *investigate the benefits of contacting the elderly/grandparents.* It was concluded that, given the verified family changes, there is a great relevance in intergenerational relationships, the knowledge transmitted between grandparents and grandchildren, are enriching for their learning, the transmission of historical, family, cultural heritage or at the level of different areas of knowledge. Are sometimes difficult for teachers to approach. In this sense, educational institutions must be protagonists in this promotion of relationships and daily foster contact between generations, as social and emotional learning are equally important to children's development.

**Key words:** School-family relationship; grandparents/grandchildren involvement; child development; educational success



## **Siglas e acrónimos**

EE - Encarregados de Educação

EA – Experiências de Ensino e Aprendizagem

EPE – Educação Pré-Escolar

INE – Instituto Nacional de Estatística

JI- Jardim de Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico



## Índice

Agradecimentos .....	v
Resumo.....	vi
Abstract .....	viii
Siglas e acrónimos .....	x
Índice de Figuras .....	xiv
Índice de Tabelas .....	xvi
Índice de Anexos.....	xvii
Introdução .....	1
I – Enquadramento teórico.....	5
1.1 A relação avós-netos: Relações e solidariedades intergeracionais .....	5
1.2 – Caracterização dos papéis Avós-Netos.....	11
1.3 – A importância da relação com os avós na perspetiva dos netos.....	15
II – Caracterização dos Contextos da Prática de Ensino Supervisionada.....	20
2.1 – Caracterização do Contexto de Creche.....	20
2.1.1 – A instituição .....	20
2.1.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos.....	21
2.1.3 – O grupo de Crianças .....	24
2.2 – Caracterização do Contexto de Jardim de Infância .....	25
2.2.1 – A instituição .....	25
2.2.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos.....	25
2.2.3 – O grupo de crianças.....	29
2.3 – Caracterização do Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	30
2.3.1 – A instituição .....	30
2.3.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos.....	30
2.3.3 – O grupo de crianças.....	33
III – Metodologia de Investigação .....	34
3.1– Questão problema e objetivos da investigação.....	34
3.2 – Método de investigação qualitativa .....	35

3.3. – Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	35
3.3.1– Observação .....	36
3.3.2 – Notas de campo .....	37
3.3.3 – Registos fotográficos .....	37
3.3.4 – Inquérito por questionário .....	38
3.3.5 – Entrevista semiestruturada .....	39
IV – Descrição, análise e reflexão das Experiências de ensino e aprendizagem..	40
4.1 – Experiências de aprendizagem desenvolvidas em Creche.....	40
4.1.1 – Construção do tapete sensorial .....	41
4.1.2 – Confeção do pão .....	44
4.2 – Experiências de ensino e aprendizagem desenvolvidas no Jardim de Infância. 47	
4.2.1 – Encontros intergeracionais .....	48
4.2.2 – Aprendizagem com o avô.....	54
5.2 – Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	60
5.2.1 – Itinerário para casa da minha avó.....	60
5.2.1 – As profissões dos avós .....	63
V – Apresentação, análise e discussão dos resultados .....	66
5.1 – Questionário Contexto de Creche .....	66
5.2 – Entrevista em Contexto de Jardim de infância .....	70
5.3 – Questionário em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	74
Considerações Finais.....	80
Referências Bibliográficas .....	84
Anexos .....	93

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Sala Rosa II .....	21
<b>Figura 2</b> – Planta da sala de atividades.....	22
<b>Figura 3</b> – Planta da sala do Jardim de Infância.....	26
<b>Figura 4</b> – Sala de atividades do Jardim de Infância.....	27
<b>Figura 5</b> – Quadro de rotinas do J.I.....	29
<b>Figura 6</b> – Planta da sala de aula do 1.º CEB .....	30
<b>Figura 7</b> – Sapatos das crianças.....	42
<b>Figura 8</b> – Tapete sensorial.....	44
<b>Figura 9</b> – Confeção do pão .....	46
<b>Figura 10</b> – Pães oferecidos aos encarregados de educação.....	47
<b>Figura 11</b> – Construção do suporte para a vela .....	49
<b>Figura 12</b> – Presente de oferta (postal e vela) .....	50
<b>Figura 13</b> – Percurso até ao lar .....	51
<b>Figura 14</b> – Visita das crianças ao lar.....	52
<b>Figura 15</b> - Interação entre crianças e idosos .....	53
<b>Figura 16</b> – Chegado do avo à escola.....	56
<b>Figura 17</b> – Dinamização da atividade do avô .....	57
<b>Figura 18</b> – Colocar as pizzas no forno.....	58
<b>Figura 19</b> – As crianças provam as pizzas .....	58
<b>Figura 20</b> – Troca de afetos entre avô e as crianças .....	58
<b>Figura 21</b> – Pizza em forma de coração .....	59
<b>Figura 22</b> – Elaboração do Itinerário até casa da avó.....	62
<b>Figura 23</b> – Televisão feita pela criança.....	65
<b>Figura 24</b> – Questionário Creche: Vivem na mesma cidade? .....	66
<b>Figura 25</b> – Questionário Creche: Vivem na mesma casa?.....	67
<b>Figura 26</b> – Questionário Creche: Frequência de relação avó/neto?.....	67
<b>Figura 27</b> – Questionário Creche: O contacto com os avos e os seus benefícios .....	68
<b>Figura 28</b> – Questionário Creche: Características desenvolvidas .....	69
<b>Figura 29</b> – Questionário 1.º CEB: idade de uma pessoa idosa .....	74
<b>Figura 30</b> – Questionário 1.º CEB: características de um idoso .....	75
<b>Figura 31</b> – Questionário 1.º CEB: Importância dos idosos na sociedade .....	75
<b>Figura 32</b> – Questionário 1.º CEB: Como são os idosos.....	76

<b>Figura 33</b> – Questionário 1.º CEB: Comportamento criança/idoso .....	76
<b>Figura 34</b> – Questionário 1.º CEB: Relação criança/idoso .....	77
<b>Figura 35</b> – Questionário 1.º CEB: relação idoso/criança.....	78
<b>Figura 36</b> – Questionário 1.º CEB: Criança e avó habitam na mesma casa.....	78
<b>Figura 37</b> – Questionário 1.º CEB: Que papéis desempenham os avós .....	79

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – Organização da rotina diária (Creche) .....	23
<b>Tabela 2</b> – Organização da rotina diária em J.I .....	28
<b>Tabela 3</b> – Organização da rotina diária no 1.º CEB .....	32
<b>Tabela 4</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à primeira questão ....	70
<b>Tabela 5</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à primeira questão ....	71
<b>Tabela 6</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à terceira questão .....	71
<b>Tabela 7</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à quarta questão .....	72
<b>Tabela 8</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à quinta questão .....	72
<b>Tabela 9</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à sexta questão .....	72
<b>Tabela 10</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à sétima questão .....	73
<b>Tabela 11</b> – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à oitava questão .....	73

## **Índice de Anexos**

<b>Anexo 1</b> – Panfleto .....	94
<b>Anexo 2</b> – Questionário Creche .....	95
<b>Anexo 3</b> – Guião de entrevista do Jardim de Infância. ....	96
<b>Anexo 4</b> – Questionário 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	99



## Introdução

No âmbito Unidade Curricular da Prática de Ensino Supervisionada, apresento o presente relatório para conclusão do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o tema de Intergeracionalidade: A presença dos avós nas atividades educativas. Este relatório descreve o percurso de ensino aprendizagem durante os contextos de práticas pedagógicas, tendo por base a reflexão pessoal e a investigação realizada ao longo de todo o processo. Todo este procedimento foi ajustado em alguns princípios como a autenticidade, a responsabilidade, a estrutura flexível, a construção continuada e a seleção representativa tanto de documentos como de atividades. Por isso, procurámos realizar uma observação cuidada, atenta e reflexiva tanto no grupo de crianças da creche e da Educação Pré-Escolar, como também no grupo de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A intergeracionalidade remete-nos para uma observação atenta do que são as famílias de hoje em dia. A estrutura familiar tem sofrido alterações, estas modificações são reflexo de alterações sociais. De acordo com Pimentel e Albuquerque (2010), essas mudanças estão ligadas à diminuição do número de casamentos e ao aumento das uniões livres, ao aumento do número de divórcios, ao decréscimo da fecundidade e da natalidade, à diminuição do tempo disponível para os cuidados, devido à valorização da carreira profissional, ao aumento da carga horária e a redefinição dos papéis de género (p.215).

A base do desenvolvimento do indivíduo, especialmente das crianças é a família, deste modo, todos os fatores mencionados no parágrafo atrás interferem na dimensão da família como lugar de partilha, afeto e cuidado entre as gerações (Pires e Meireles-Coelho, 2011, p.73).

Segundo dados colhidos em 2021 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a expectativa de vida em média, em Portugal é de 81,06 anos o que resulta de uma conexão de várias gerações numa mesma família, resultando assim uma convivência intergeracional. Essa familiaridade pode ser vista numa interação avô - neto.

Na década de 80 do século passado, começaram a aparecer investigações que refletem acerca deste papel na sociedade: o de ser avô, sendo que a relação entre estes dois grupos etários, acaba também por suscitar curiosidade, por parte dos investigadores. Assim é necessário entender o que é a intergeracionalidade.

De uma forma muito sucinta o termo intergeracionalidade é um termo relativamente recente, não se encontrando no dicionário de língua portuguesa. Decompondo-o, o termo inter é um “elemento de formação de palavras que exprime a ideia de entre, dentro de, no meio” e o termo geracional, um adjetivo “próprio de uma relação ou relativo a uma geração” (Infopédia, 2011).

Vários investigadores procuraram aprofundar mais o assunto, como tal existem vários estudos como o de Triadó e Villar (2000), em que os autores investigaram o papel dos avós: como percebem os avós as relações com os seus netos. O estudo de Dias (2002), em que a autora investigou a influência dos avós nas dimensões familiares e sociais. Cardoso (2010) e Pires (2010) também abordaram o tema da intergeracionalidade entre avós e netos de diferentes ângulos.

Acredita-se que o estudo sobre a família necessita de ter em atenção a transmissão de valores e legados, pois é desta forma que as gerações se propagam no tempo. Assim, o significado da última geração, numa família, é o resultado das gerações anteriores, espelhando uma dinâmica singular e cheia de história dessa mesma família (Macedo, 2007), bem como os seus processos de transição.

A comunicação que deve existir entre Escola-Família é importante e por este motivo delineámos para este relatório a seguinte questão de partida: Como é que as práticas educativas na Creche/Jardim de Infância (J.I.) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) podem proporcionar uma relação Intergeracional que beneficie as crianças? Sendo que o termo intergeracional, pretende vaguear por dois caminhos, a relação avós-netos e crianças-idosos.

Delinearam-se, ainda, os seguintes objetivos específicos: fomentar encontros intergeracionais, analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros, verificar o tipo de relação entre idosos/avós e crianças, investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avós.

Salientamos que o nosso estudo se centra numa abordagem de natureza qualitativa, tendo como técnica a observação participante e como instrumentos de recolha de dados as notas de campo, os registos fotográficos e as produções das crianças que sustentaram, significativamente, a nossa investigação.

Como destaca a revista Ribeiro, et al., (2010)

(...) ao estabelecer um paralelo entre velhice e infância, é possível resgatar lembranças sobre velhos ou sobre a velhice que ainda não foram vivenciadas. Assim, os netos exercem fundamental importância na vida dos

avós e o contato entre avós e netos pode ser essencial para as pessoas que estão envelhecendo (p. 463).

Este relatório apresenta-se organizado em seis pontos: no primeiro ponto apresentamos o enquadramento teórico, onde aprofundamos as relações intergeracionais, o que são e quais os seus benefícios, abordamos também a importância da relação entre avós e netos. Num segundo ponto caracterizamos os três contextos da PES, apresentando a instituição, os espaços pedagógicos e o grupo de crianças. O terceiro ponto é destinado à clarificação da metodologia de investigação, apresentamos os objetivos gerais e os objetivos específicos do estudo, descrevemos os instrumentos adotados para a recolha de dados e de que forma a mesma se processou. Indica-se também de que forma se organizou, validou e analisou os dados. O quarto ponto é a sustentabilidade do nosso trabalho. Funciona como prova da nossa linha de pensamento, ou seja, são um conjunto de atividades planeadas e descritas ao pormenor para que o leitor consiga entender os benefícios que estas Experiências de Ensino e Aprendizagem (EEA) tiveram para as crianças e para a análise deste Relatório. No quinto ponto apresentamos a análise e discussão dos resultados que são apresentados em forma de figuras e tabelas para uma melhor perceção. Para terminar o nosso relatório realizamos as análises e as conclusões do nosso estudo onde procuramos dar resposta à questão-problema e aos objetivos delineados. Será de salientar ainda as limitações e os contributos de todo o processo, tanto a nível pessoal como no nosso enriquecimento e crescimento académico, enquanto futuras profissionais de educação. Concluimos com as referências bibliográficas, considerando que foram o suporte teórico do texto deste relatório.



## **I – Enquadramento teórico**

### **1.1 A relação avós-netos: Relações e solidariedades intergeracionais**

A estrutura familiar, ao longo das últimas décadas sofreu um conjunto de alterações e mudanças significativas que culminaram na emergência de novas modalidades familiares. Estas transformações podem ser justificadas por vários fatores, nomeadamente o aumento da esperança média de vida, a queda acentuada da fecundidade, a generalização e o aumento da eficácia da contraceção, a diminuição do número de filhos por casal e da dimensão média das famílias, o adiamento da idade do nascimento do primeiro filho, a maior escolarização dos jovens, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, a crescente instabilidade das relações conjugais, o aumento do número de pessoas a viverem sós, das famílias monoparentais e dos casais sem filhos, entre outros (Leite, 2003).

Outro fator que veio alterar a dinâmica familiar como era vista no passado remetemos para a Lei n.º 9/2010, de 31 de maio, que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo, por outro lado, outro fator determinante é o aumento das taxas de divórcio, nas últimas décadas, segundo dados do INE (0,1%, em 1970; 0,9% em 1990 e 2,0% em 2019).

As mudanças verificadas na duração dos papéis e relações que se podem desempenhar na família, podem também ser justificáveis com a descida da taxa de mortalidade e a diminuição da taxa de natalidade. Nesta ordem de ideia, os vínculos familiares tendem a ser cada vez mais significativos. À medida que aumenta o número de avós e bisavós, diminuem os irmãos, tios e primos (Royo, 2000). Segundo Alarcão (2006), a família nuclear terá de «aprender a lidar com o envelhecimento, numa articulação permanente entre independência e dependência, primeiro com as gerações mais idosas e, depois, consigo própria» (p.188-189).

Essas alterações, conseqüentemente, tiveram impacto nas relações intergeracionais uma vez que a instituição familiar é a principal responsável pela transmissão intergeracional pois nela podemos encontrar diferentes gerações, onde estas interagem entre si e trocam saberes e conhecimentos. Segundo Carneiro e Jablonski (2007), na família, as tradições são passadas de geração em geração, e portanto, a transmissão intergeracional é perspectivada como um legado de cultura que resulta em

mudanças familiares. A transmissão intergeracional está intimamente relacionada com as transformações na família. De acordo com Ramos (2005), deve-se ter em consideração a qualidade das interações no seio familiar. Quanto maior a qualidade nas relações intergeracionais melhor será a transmissão e aceitação de valores, obrigações e regras fundamentais para a inserção social e profissional dos indivíduos e para a vivência harmoniosa na família, em particular, e na sociedade, em geral.

Antes de abordarmos de forma mais pormenorizada a questão das relações e solidariedades intergeracionais importa clarificar alguns conceitos no sentido de facilitar a compreensão daquilo que será abordado neste ponto. Um dos primeiros conceitos a ter-se em consideração é o conceito de geração. No que diz respeito à definição do conceito de geração existem várias propostas para se definir a mesma. Assim, na visão de Sarmiento (2005) podem existir dois conceitos de geração, um primeiro que define a geração como uma categoria estrutural que analisa a estratificação social e a construção de relações, e o segundo que encara a geração na sua natureza cultural, mais ligada a um grupo nascido na mesma época histórica e que vivenciaram os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento. Por sua vez Sant'Ana (2012), refere que geração consiste "(...) entre outras coisas, em uma sensibilidade social à metamorfose produzida no corpo humano pela passagem do tempo, envolvendo a atribuição de significados a tais transformações" (p.257).

Outro dos conceitos que se torna essencial explicitar é o conceito de intergeracionalidade. Segundo Camilo (2014), o investigador Brundtland (1987) é um dos primeiros a preocupar-se com as questões intergeracionais. Numa das suas investigações levantou questões sobre o "património" transmitido às futuras gerações. O mesmo procurou analisar a relação que se estabelece entre o passado, o presente e o futuro, atraindo novas investigações para este assunto. Por sua vez Bernardo (1991) citado em Viegas (2011) menciona que a problemática das gerações, incluindo a sua génese, está intimamente relacionada ao paradigma produtivo vigente em determinado momento histórico. Nesse seguimento, Camilo (2014) perspectiva a intergeracionalidade como "parte intrínseca da constituição das sociedades e assume diferentes contornos na história da humanidade pacificando ou tencionando estas relações em vários campos como na família, na política, no Estado e na escola" (p.245). O investigador anteriormente identificado perspectiva ainda a intergeracionalidade como o processo caracterizado por momentos de diálogo, cooperação e solidariedade entre diferentes gerações tendo sempre presente que este é um direito humano.

Nas últimas décadas, à medida que o tempo foi passando, os investigadores aperceberam-se da urgência em falar sobre a intergeracionalidade e surgem assim, de acordo com Villas-Boas et al., (2016), os primeiros projetos intergeracionais no final da década de 60 nos Estados Unidos da América com o intuito de colmatar a separação geográfica dos membros familiares. Enquanto, na América, o estudo das relações intergeracionais alcançou bastante importância na década de 60 do século passado, em países como Portugal, esta temática ainda representava pouca visibilidade (Oliveira, 2011). Atualmente, um pouco por todo o mundo, os projetos intergeracionais são desenvolvidos como uma estratégia de intervenção.

Os programas intergeracionais frequentemente têm objetivos comuns, tais como a minimização das consequências decorrentes do processo de envelhecimento; a promoção da inclusão e valorização dos mais idosos; a partilha e transmissão de valores, regras, conhecimentos, habilidades e valores humanos; o despertar na criança de um novo olhar sobre os mais velhos e a promoção e aquisição de conhecimento mediante a educação informal (Teigas, 2012).

Os programas intergeracionais quando corretamente desenvolvidos e implementados podem ser bastante benéficos dado que ajudam a estabelecer novas formas de solidariedade entre gerações, potenciam a coesão social, asseguram a transmissão cultural e promovem o envelhecimento ativo (Vilas-Boas, 2015). Muitos desses programas têm como elemento-chave a educação intergeracional, uma abordagem pedagógica informal que relaciona diferentes gerações em torno de temas quotidianos. Neste âmbito, estes programas visam por um lado, a transferência e intercâmbio de conhecimentos, competências e recursos e, por outro, possibilitar que as gerações experienciem tanto a diferença como a semelhança e aprendam uns com os outros.

Portanto, é inegável a importância da existência de programas intergeracionais, integrando este tipo de interações no quotidiano de todos os indivíduos tanto na sociedade, em geral, como na família em particular. Neste contexto, as diferentes gerações constroem os devidos suportes para o desenvolvimento e bem-estar de todos, pois as relações intergeracionais são importantes para construirmos a nossa organização cultural e psíquica.

Em qualquer processo intergeracional estabelecem-se relações intergeracionais que podem ser definidas como vínculos criados entre duas ou mais pessoas com idades diferentes e em estádios de desenvolvimento distintos (Oliveira, 2011). As relações

intergeracionais têm implícito o convívio e o relacionamento de diferentes gerações, desde relações entre familiares de várias gerações (relações entre avós-netos, por exemplo), relações de trabalho ou de amigos que podem ter idades diferentes, uns com 30 anos de idade, outros com 50 anos, por exemplo). As relações intergeracionais podem ainda ser descritas como interações planejadas entre grupos de pessoas com idades desiguais, em diferentes fases da vida e em distintos contextos (Peacock & Talley citado em Nunes, 2009).

Contudo, quando se aborda o tema das relações intergeracionais, geralmente, pensa-se imediatamente nas relações entre crianças/jovens e idosos, sendo que as mesmas podem ocorrer dentro ou fora do seio familiar (apesar de acontecerem com maior frequência no seio familiar). De acordo com Schenker (2005), a qualidade da relação que se estabelece entre diferentes gerações numa família tem impacto direto na orientação de princípios, atitudes e práticas familiares. A qualidade da relação diz respeito ao clima emocional que advém das interações, ao grau de aceitação, respeito, afeto mútuo e de diálogo entre os diferentes elementos, gerando comunicação, intimidade ou conflito (Schenker, 2005).

As relações intergeracionais segundo Park et al., (2005) não se operacionalizam ao longo de uma única dimensão. Por conseguinte, as mesmas representam um conjunto complexo de interações que ocorrem simultaneamente ao longo de uma série de dimensões, incluindo a proximidade geográfica, a frequência e o tipo de contacto, a afinidade emocional ou normativa, o nível e forma de troca das interações e as expectativas culturais (Park et al., 2005). Ramos (2005) identifica um conjunto de fatores que poderão influenciar o relacionamento entre as diferentes gerações e as várias formas de desempenhar os papéis de pais, avós e filhos: a qualidade das relações dentro das gerações, as particularidades familiares, as condições socioeconómicas, as personalidades e o estado de saúde, os locais de residência e a forma como as famílias estruturam o tempo das crianças e a cultura. A este propósito, Ferrigno (2006), menciona que, se se partir do pressuposto de que historicamente as gerações são constantemente construídas, desconstruídas e refeitas, observa-se que as relações intergeracionais também estão constantemente a ser reconstruídas. E, novas relações intergeracionais determinam, por sua vez, novos comportamentos.

Segundo Dumazedier (2002), citado em Ramos et al., (2012) existem três modalidades de transmissão de saberes que são essenciais para o desenvolvimento das relações e da solidariedade intergeracional, a saber: A transmissão dos saberes das

velhas gerações às novas gerações; a transferência de saberes das novas gerações para as mais velhas e a coeducação das gerações. Na transmissão dos saberes das velhas gerações às novas gerações, os mais velhos (por exemplo, os avós) passam os seus conhecimentos/saberes aos mais jovens (netos), sendo que este tipo de transmissão ocorre essencialmente no seio familiar. Na transmissão dos saberes das novas gerações para as mais velhas, são os jovens que passam os saberes e conhecimentos das novas gerações para as mais velhas, em que esta forma de transmissão ocorre fundamentalmente em instituições educacionais mediante práticas de autoformação. Por sua vez, a coeducação das gerações remete para a coexistência pacífica ou conflituosa entre saberes antigos e atuais.

Ainda a propósito da coeducação, Vitale (2000), destaca a importância da coeducação das gerações e da transmissão de saberes dos mais velhos ou mais novos e classifica essas transmissões de legados. No que refere aos legados, o autor atrás referido identifica três tipos de legado: Os legados de ordem, que remetem para noções como a responsabilidade, organização, costumes, educação; os legados de solidariedade referentes a sentimentos como a amizade, o amor, a justiça, os respetos e, por fim, os legados de fé que estão associados à religiosidade, espiritualidade e à fé. Frequentemente, a transmissão dos legados atrás referidos é realizada de forma inconsciente e involuntária.

Como já foi anteriormente referido, nas últimas décadas observaram-se importantes alterações demográficas, tais como, o aumento da esperança média de vida e o aumento da longevidade que levou ao aumento das famílias trigeracionais, sendo, por isso, cada vez mais natural a permanência de quatro gerações numa família. No seio de uma família circulam vários tipos de ajudas, afetos e bens. Geralmente essa troca de ajudas, afetos e bens acontecem essencialmente de avós para netos, de pais idosos para filhos adultos e de filhos adultos para os mais idosos.

Em termos de solidariedade familiar, na perspectiva de Fernandes (1994) existem essencialmente dois tipos de ajuda: as ajudas financeiras e económicas e as ajudas domésticas. As ajudas económicas e financeiras ocorrem, sobretudo, de avós para netos e para filhos adultos. Já no que refere às ajudas domésticas, estas acontecem tanto de avós para netos e filhos adultos como de filhos e netos para avós. As ajudas domésticas frequentemente centram-se na guarda das crianças e nos cuidados gerais em caso de doença ou incapacidade. Para além disso, segundo Cardoso (2010), a intergeracionalidade entre avós, pais e netos pode ser usada como um meio para

diminuir a violência, lutar contra o desemprego dos mais velhos, potenciar competências específicas nos jovens, apoiá-los nos estudos e também auxiliar os mais novos a lidar com assuntos como as drogas e o álcool.

As relações intergeracionais assumem um maior relevo quando se trata de prestar apoio aos idosos, sendo a importância da família, nesta etapa de vida, elevada. De acordo com Bernard et al., (2001), a instituição familiar é encarada como provedora da base de apoio para os idosos. Por seu turno, Figueiredo e Cerqueira (2004) alertam para o facto de que o aumento do número de divórcios, a mobilidade geográfica das famílias, o aumento do número de mulheres no mercado do trabalho e o aumento das famílias reconstituídas e monoparentais complexifica e prejudica as ligações familiares aos membros idosos. Nesta sequência, as solidariedades familiares aos idosos fragilizam-se quer pela menor disponibilidade dos membros da família em assumirem esse papel, quer porque os cuidadores típicos (filhos) são, habitualmente, também eles, velhos no momento de cuidar.

Ainda a propósito das solidariedades intergeracionais, segundo Bengston (1985) citado em (Jorge & Lind, 2015), existem seis dimensões de solidariedade para avaliar o nível de coesão entre as gerações, a saber: os sentimentos que os membros da família demonstram sobre as relações estabelecidas com outros membros da família (afetiva); a forma e frequência de contacto entre elementos de várias gerações (associativa); o acordo entre opiniões e valores entre gerações (consensual); as solidariedades estabelecidas entre gerações (funcional); as obrigações filiais e parentais expectadas (normativa) e, por fim, a proximidade geográfica entre os membros de várias gerações (estrutural).

Neste sentido pode-se referir que as solidariedades familiares ocorrem no seio familiar, enquanto as solidariedades intergeracionais não acontecem apenas na família, mas também se desenvolvem através de amigos, vizinhos e até mesmo potenciadas por convívios, encontros e programas intergeracionais.

O futuro da família, de acordo com Sampaio, (2008) está na transmissão intergeracional da sua história tornada presente pelos testemunhos dos avós. Como veremos no ponto seguinte, as relações intergeracionais avós-netos constituem um tema crescente a nível de importância e são fundamentais no desenvolvimento humano, dado que a família juntamente com a escola são os marcos da relação da infância.

## 1.2 – Caracterização dos papéis Avós-Netos

Em qualquer análise sobre os processos de transformação familiar é importante ter em consideração o lugar ocupado pelos avós quando ocorre o nascimento dos netos. Nas últimas décadas, verificou-se que a idade segundo a qual o indivíduo se torna avô ou avó tem variado. Assim sendo, pode-se identificar avós mais jovens como também avós com idades avançadas (Cardoso, 2011; Cardoso & Brito, 2014 citado em Zannata & Arpini, 2017). Muitos avós que vivenciaram essa experiência ainda jovem também se tornaram mães e pais cedo, sendo esse fenómeno vulgarmente observado com maior incidência nas classes socioeconómicas mais baixas, cuja gravidez na adolescência acontece com maior frequência (Silva & Salomão, 2003 citado em Zannata & Arpini, 2017). Por sua vez, os avós com maior idade, são também os “atores de um período revolucionário na segunda metade do século XX” (Cardoso, 2011 citado em Zannata & Arpini, 2017, p. 345) pois potenciaram alterações no desenvolvimento da família através da entrada da mulher no mercado do trabalho e do adiamento da maternidade.

Segundo Aratangy e Posternak (2010), o século XXI será considerado o século dos avós, dado o aumento da qualidade de vida, os avós passam a ter uma vida mais ativa, resultando assim de maior dinamismo entre filhos e netos. Em Portugal, de acordo com Aboim, et al., (2013) citado em Jorge e Lind (2015), 70,5% dos avós fazem parte da rede direta de apoio parcial das famílias, seja no suporte financeiro, seja no cuidado aos netos ou qualquer outro tipo de apoio. O estudo europeu “a prestação de cuidados dos avós na europa” citado em Jorge e Lind (2015), demonstrou que, mais de 40% dos avós em 11 países europeus asseguram o cuidado aos netos, sendo que em Portugal, a prestação de cuidados intensivos (diários ou mais de 15 horas por semana) é superior aos cuidados ocasionais ou menos intensivos.

Dada a importância que os avós foram assumindo no contexto familiar, de acordo com Dias (2002), importa reforçar alguns fatores que fizeram com que eles se tornassem figuras importantes e participativas no cuidado dos netos. Alguns desses fatores, tais como, o aumento da esperança média de vida, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a emergência de novos modelos de família, as famílias recompostas e os divórcios. Outros fatores que merecem o nosso destaque referem-se ao desemprego e à gravidez na adolescência. Neste âmbito, importa salientar que, a gravidez na adolescência fez com que muitas avós maternas assumissem o papel de mães substitutas, sendo estas, mães e avós simultaneamente (Silva & Salomão, 2003).

No entanto, importa ressaltar que a relação entre avós e netos nem sempre foi igual ao longo dos tempos. Nesse sentido, para existir uma melhor compreensão da transformação da relação entre avós e netos é necessário retroceder algumas décadas. Nos anos 60 do século passado, após a II Guerra Mundial, os avós tinham um papel mais periférico no cuidado dos netos (António, 2010). A partir dos anos 80, as pesquisas sobre a relação entre avós e netos evidenciaram que muitos avós adotavam comportamentos egocêntricos em que se preocupavam apenas com eles próprios e descartavam os netos enquanto outros tinham uma relação de companheirismo com os mesmos (Cherlin & Furstenberg, 1992).

A idade, segundo Araújo e Dias (2002) é uma variável importante na relação entre avós e netos. Segundo os mesmos, o tipo de apoio concedido aos netos variou consoante a idade, ou seja, avós com 65 ou menos anos de idade desempenhavam um maior número de atividades com os netos em comparação com os avós que tinham mais de 65 anos. Dutra (2008) também partilha da mesma visão que os investigadores atrás identificados referindo que é expeável que os avós mais novos tenham uma maior disposição a visitar os netos e desenvolverem atividades, sejam estas emocionais ou instrumentais. Deste modo, a imagem da avó de cabelo branco apanhado com um avental e do avô a ler o jornal sentado numa cadeira de baloiço é uma representação cada vez mais distante e apagada no nosso pensamento, dando lugar à imagem dos avós jovens, ativos e a saltar nos parques infantis com os netos (Ferland, 2006). Para além disso, o aumento da esperança média de vida permitiu que os avós estejam presentes na vida dos netos não apenas enquanto são pequenos, mas também durante a adolescência e, em muitos casos, durante a fase adulta.

Os avós, além de prestarem apoio, vulgarmente asseguram a continuidade dos laços de filiação, transmitem conhecimentos, são uma fonte de sabedoria, acarinham os netos e potenciam o seu desenvolvimento, aproveitam o tempo para realizar tarefas que eles gostam, guardam a memória familiar, favorecendo a transmissão de valores, crenças e experiências acumuladas ao longo da vida (Kivnick, 1982 citado em Jorge & Lind, 2015). Geralmente, os cuidados aos netos são realizados pelas avós e segundo um estudo desenvolvido por Zanatta e Arpini (2017), avós referem diferenças no papel de avó relativamente ao papel de mãe uma vez que na época dos filhos pequenos tinham uma rotina de trabalho intensa, o que diminuía o tempo disponível para os filhos, essencialmente para as brincadeiras. Com os netos, ainda segundo o estudo atrás referido, as avós dispõem de maior tempo livre, conseguem aproveitar mais, inclusive

sentem-se mais dispostas a isso. Aliás, as avós referiram que antigamente os seus avós eram distantes, rígidos e pouco carinhosos, comportamentos distintos dos que têm atualmente com os netos (Kipper & Lopes, 2006).

Em outra investigação desenvolvida por Cardoso e Brito (2014), sobre a relação entre avós e netos, o papel de avós foi descrito pelos entrevistados como de alguém que tem o compromisso de ajudar a cuidar dos netos, associando ao prazer, alegria, amor incondicional e satisfação que obtinham com eles.

Segundo Oliveira (2012), existem várias formas de se ser avó ou avô, e, por conseguinte, identifica três tipos de avós. Os avós cuidadores, que são aqueles que prestam cuidados aos netos e assistência à família, assumindo-se, frequentemente, como adjuntos dos pais uma vez que vão levar e buscar as crianças à escola, cuidam delas durante as férias escolares, preparam as refeições e realizam o que for necessário. Por sua vez existem os avós companheiros, que aproveitam o tempo que estão com os netos de forma mais descontraída e lúdica. Este tipo de avós concedem um apoio aos pais, mas sem a obrigatoriedade de os educar. Por fim, o autor identifica, ainda, os avós distantes que por variadíssimos motivos encontram-se afastados do quotidiano dos netos e não estão com eles com frequência.

Contudo, atualmente as novas tecnologias vieram fortalecer a relação entre avós e netos, a distância física é substituída por ligações de vídeo onde existe partilha e momentos de alegria, diversão, birras, entre outros.

Neugarten e Weinstein (1964) citado em Oliveira (2009), identificam cinco estilos de avós: os avós divertidos que procuram desenvolver atividades divertidas com os netos, são tranquilos e não têm uma abordagem autoritária; os avós formais que adotam um comportamento autoritário e rígido; os avós distantes que raramente têm contacto com os netos, seja porque não os visitam e/ou não recebem visita dos mesmos; os avós cuidadores que assumem importantes responsabilidades e cuidados diários aos seus netos e, finalmente, os avós conservadores que são os “guardiões” da história, costumes e tradições familiares. Estes avós funcionam como mediadores entre o passado, o presente e o futuro.

Na visão de Ferland (2006), os avós ao partilharem com os netos atividades simples e comuns evidenciam que não é preciso brinquedos complicados ou saídas extraordinárias para ambos desenvolverem atividades divertidas. Muitas vezes, os avós contam maravilhosas histórias sobre o passado familiar recorrendo aos álbuns de fotografia, reutilizam brinquedos (feitos de maneira que pertenciam aos pais), etc.

Após demonstrarmos o tipo de interações que os avós podem ter com os netos importa agora evidenciar as contribuições dos netos para os avós. Sendo assim, os avós atualmente ao participarem nas brincadeiras dos netos acabam por envelhecer ativamente pois as crianças ao brincarem com os avós acabam por os estimular fisicamente dado que estes mexem-se ao ritmo dos netos e têm de os seguir com o olhar (Ferland, 2006). Para além disso, os netos também estimulam os avós intelectualmente pois através dos mesmos aprendem novas coisas relacionadas com tecnologia, educação, expressões da moda, entre outras (Idem: 2006). Por sua vez, os avós vivenciam um sentimento de continuidade quando os seus próprios filhos alcançam independência e saem de casa e transmitem os ensinamentos, valores, costumes que também lhes foram transmitidos. Os netos, simbolizam, por isso, a continuidade dos genes, das memórias, dos valores e do património (Oliveira, 2012). E por fim, os avós retiram tanto amor da relação com os netos como aquele que dão (Ferland, 2006).

Segundo Ramos (2012), as interações entre avós e netos, por um lado, potenciam ambientes estruturais de desenvolvimento, criatividade e afetos nas crianças, e, por outro lado, ajudam simultaneamente a superar as fragilidades, as perdas e as limitações decorrentes do processo de envelhecimento. Por essa razão, pode afirmar-se que as relações intergeracionais entre avós e netos promovem o respeito, a educação e a solidariedade entre gerações “fundamentam-se em ternura, felicidade, idealização, recordações do passado e sonhos do futuro, teias geracionais entre o passado e o presente, a tradição e a renovação (...)” (p.48).

A relação entre avós e netos pode ser mais ou menos forte consoante a influência de vários fatores. Um deles prende-se com a localização geográfica, ou seja, os avós que vivem mais perto tendencialmente tendem a visitar os netos com maior frequência do que aqueles que estão mais longe. Por sua vez, como já foi anteriormente discutido, os avós mais novos têm mais energia para realizarem atividades e acompanharem os netos nas suas brincadeiras. Por seu turno, o estado de saúde dos avós é outro fator que merece a nossa consideração uma vez que um bom estado de saúde permite que os avós acompanhem ativamente os netos (Ferland, 2006). Outro fator refere-se à qualidade dos vínculos e à proximidade entre a geração intermédia, dos pais e a geração dos avós pois quanto melhor for a relação entre filhos e pais mais próximos estes ficam com os netos (Dias, 2002; Garcia & Veja, 2013 citado em Lisboa et al., 2018).

Para além disso, houve investigadores que apresentaram o género como uma variável que influencia o modo como a relação é estabelecida entre avós e netos, prova

disso é o estudo realizado por Pires (2010), que conclui que “os netos passam mais tempo com os avós maternos, sendo que o convívio com os avós (paternos e maternos) é, maioritariamente, diário ou semanal” (p.101). Em forma de resumo os investigadores Pires e Coelho (2011), concluíram “que 57,3% dos alunos convivem mais com os avós maternos. No que diz respeito à frequência com que os jovens estão com os avós, no caso dos avós maternos, 38,3% convive com eles todos os dias e 30% fá-lo uma vez por semana. Há ainda os que convivem com os avós apenas nas férias.

No caso das avós, estas dedicam mais tempo a tarefas relacionadas com a linguagem (por exemplo, contar histórias), os avós realizam atividades físicas com os netos, designadamente jogos ao ar livre, entre outras atividades (Smorti et al., 2012). Segundo Smorti et al., (2012), o sexo dos avós influencia a estruturação da relação entre as diferentes gerações.

Em suma, atualmente os avós são cúmplices e companheiros nas brincadeiras e esforçam-se para agradar aos netos. Estes avós contemporâneos têm também mais tempo e disponibilidade do que os pais, apesar de alguns ainda trabalharem, como não se encontram em início ou pico de carreira estão mais aliviados das obrigações profissionais (Oliveira, 2012).

### **1.3 – A importância da relação com os avós na perspetiva dos netos**

Apesar do crescente envelhecimento da sociedade atual e da emergência da preocupação por esta questão nos países desenvolvidos, a relação entre avós e netos ainda é pouco estudada na perspetiva dos netos principalmente quando estes são jovens ou adultos.

Neste âmbito, consideramos importante a análise acerca da perspetiva dos avós relativamente à sua interação com os netos, mas para análise sobre a temática das relações intergeracionais entre avós e netos estar completa importa também compreender a opinião dos netos sobre os avós, pois as conclusões e perspetivas poderão ser diferentes.

Na visão de Pires (2010), os netos consideram que conseguem ter uma relação afetiva e educativa com os avós, mas de forma diferente das dos progenitores dado que os avós, por norma, têm mais tempo para brincar e passear, contrariamente aos pais que, muitas vezes, têm longas jornadas de trabalho. Por sua vez, segundo Sousa (2006), os netos consideram os avós como indivíduos com bastante imaginação e criatividade fruto

da sua experiência de vida, disponibilidade e maturidade. Como tal, atualmente, a relação dos avós com os netos tem cada vez mais importância, já que os netos encaram os avós como uma oportunidade de terem uma relação educativa e afetiva diferente da relação que têm com os pais uma vez que os avós estão mais disponíveis e numa fase da vida diferente (Pires, 2010).

Por sua vez observou-se, na literatura, uma diferença na relação entre a avó materna e avó paterna na visão do neto, sendo que este, geralmente, tem uma relação mais próxima com a avó materna (Oliveira et al., 2010). Segundo os investigadores anteriormente citados, a relação das avós com os netos da linha materna é mais íntima do que com as avós paternas. Nesse seguimento, as avós maternas tendem a ter um contacto mais íntimo com os netos uma vez que cuidam com maior frequência dos mesmos. Como tal, as avós maternas acabam por ser uma figura importantíssima, pelo menos, até à adolescência. Importa salientar que esta situação ocorre devido à confiança que as mães depositam nas suas próprias mães. Como destaca Motta (2004), salvo algumas situações de impossibilidades ou conflitos, as mães costumam procurar mais apoio nas suas próprias mães do que nas sogras no que refere ao cuidado das crianças, o que faz com que os netos tenham, necessariamente, mais contacto com a avó materna.

Contudo, existem exceções, as famílias são inúmeras e por este motivo o que é visível num seio familiar pode não ser reconhecido noutro, exemplo disso poderão ser as famílias em que os avós maternos já não se encontram vivos.

Outra questão que merece a nossa consideração remete para o facto de, segundo os netos, a avó ser considerada mais afetiva e cuidadora e o avô mais lúdico. De acordo com Moreira et al. (2009) citado em Azambuja e Ravinovich (2017), verifica-se uma maior tendência para os avôs realizarem atividades lúdicas e desportivas com os netos do que se envolverem em atividades relacionadas com o cuidado doméstico. Historicamente, as mulheres sempre dedicaram mais tempo com o cuidado da casa e dos filhos. Possivelmente muitas dessas avós foram socializadas num sistema com uma divisão rigorosa das tarefas por género, o que contribui para isso (Azambuja e Ravinovich, 2017). Ainda a propósito deste assunto importa destacar um estudo levado a cabo por Ramos (2012) citado em Azambuja e Ravinovich (2017) com o intuito de compreender como as relações de género têm impacto nas relações intergeracionais. Segundo esse estudo, os avôs envolvem-se menos nos cuidados domésticos, mas realizam outras atividades fora de casa tais como ir levar ou buscar os netos à escola e as brincadeiras são mais perigosas e dinâmicas. Portanto, nas interações quotidianas, os

avós realizam menos tarefas relacionadas com o “cuidar” dos netos, ainda que muitos tenham o compromisso de ir levar e buscar os netos à escola, e as brincadeiras que estes proporcionam aos netos são quase sempre divertidas, o que fazem com que as crianças os caracterizem como brincalhões e divertidos (Lisboa, 2018).

Neste seguimento, a literatura aponta que uma maioria dos cuidadores pertence à linhagem matrilinear (Kipper & Lopes, 2006), e que, é a frequência e o cuidado que avós têm com os netos que são vistos, por estes, como fatores importantes, aliás, muitas crianças, por vezes, identificam as avós como uma “segunda mãe”. A ênfase nas avós maternas tem propagado a “matrilinearidade” dos estudos sobre as avós, sustentando a noção de que a continuidade familiar tem maior probabilidade de existir das mulheres e que estas, independentemente da idade, têm maior probabilidade de conservar laços mais estreitos com filhos e netos (Kipper & Lopes, 2006).

Pesquisas desenvolvidas por Sanders e Trygstad (1993) demonstram que segundo os estudantes, os avós são importantes na transmissão de valores como o respeito e encarados como companheiros e confidentes. Por seu turno, no que diz respeito à mediação dos pais no estabelecimento do relacionamento avós/netos, grande parte dos netos concorda que a influência dos pais teve impacto no número e qualidade dos contactos com os avós (Kennedy, 1992).

A partir do estudo efetuado por Viguer et al., (2010) citado em Lisboa et al., (2018) foi traçado um perfil do “avô preferido” pelos netos evidenciando que o avô predileto é a avó materna, reformada ou dona de casa com idades entre os 60 e 70 anos e que vivem na mesma cidade ou zona que o seu neto, mantendo contacto várias vezes por semana. Por seu turno, de acordo com Oliveira e Karnikowski (2012) citado em Lisboa et al., (2018), na visão dos netos adolescentes e jovens adultos, os avós “preferidos” são aqueles que mais lhes transmitem carinho, amor e afetos e em seguida, são os avós que têm maior compreensão, tolerância, mente aberta e que comunicam e dialogam com os seus netos.

Tendo em consideração um estudo desenvolvido por Lisboa et al., (2018), a maioria dos netos considera que o contacto frequente é importante para uma boa relação com os avós, o que está concordante com vários estudos realizados, tal como já foi atrás referido, que o convívio constante ajuda no crescimento e na reciprocidade intergeracional entre avós e netos. Outro aspeto que merece a nossa análise refere-se à questão levantada pelos investigadores, de se os netos consideram que os avós são uma fonte de suporte na vida deles. Neste âmbito não se verificou um consenso nas

respostas, embora grande parte dos netos referiu que efetivamente os avós são uma fonte de suporte na sua vida. No entanto, apesar de grande parte dos netos referirem que os avós são importantes na sua vida e de valorizarem a sua opinião, estes não procuram os avós quando precisam de tomar decisões importantes.

De acordo com um estudo já referido ao longo deste ponto, os netos demonstram carinho e preocupação com a sua avó, uma atitude zelosa e cuidadora para com os mais velhos. Na ótica de Boff (1999), o conceito de cuidado está intimamente relacionado aos conceitos de amor e amizade. Segundo este, o cuidado somente emerge quando uma pessoa tem importância para outra, e cuidar de alguém implica tratar bem, dar atenção, zelar, o que causa um sentido de responsabilidade nos netos.

Resumidamente, os avós atualmente constituem-se como uma forma de apoio social com que os pais contam no seu dia-a-dia para a tarefa de cuidar as suas crianças e educá-las. A convivência intergeracional possibilita revisitar o passado por meio do qual é possível rever o papel que desempenharam enquanto pais e que continuam a realizar como avós. Na perceção de Santos (2005) “presente e futuro se condensam e num misto de alegrias e tristezas por ver, através do tempo, aquilo que realizaram e o que não conseguiram pôr em prática e que foi postergado” (p.61). O convívio entre gerações permite uma nova maneira de ser e estar e, nesta relação que é recíproca, os avós e os netos partilham experiências de vida e embora estejam em fases de vida diferentes, ocorre a coeducação de gerações.

A perceção que as crianças, adolescentes e jovens adultos têm dos avós é positiva, o que evidencia o importante papel que os mesmos desempenham na vida dos netos, neste sentido é necessário fazer um paralelismo entre os avós e a escola. Sabemos desde já que ao longo dos anos existiu uma evolução e uma transformação no que diz respeito ao papel dos avós e como era a sua representação social, os ‘avós de antes’. Os avós dos nossos avós representavam uma figura de cabelos brancos, com uma intervenção mais distanciada na vida dos netos, chegavam mesmo a ocupar um lugar de autoridade. Atualmente, como já foi referido ao longo deste trabalho, os avós estão mais presentes e essa presença é notória na escola, pois vão diariamente buscar os netos à escola, participam nas atividades, ajudam nos trabalhos de casa, são mais ativos, interventivos, e maioria deles já são adeptos das novas tecnologias,

A aprendizagem realizada com a família acaba por estar presente em todas as aéreas de aprendizagem, contudo é na área de formação pessoal e social que a família tem um destaque, atendendo que trabalhada a identidade da criança, como está explícito

nas Orientações Curriculares para Educação Pré-escolar (OCEPE) (Silva, Marques, Mata & Rosa 2016) a construção de identidade e autoestima de uma criança é um processo de reconhecimento entre as suas próprias características que se desenvolvem em simultâneo com a perceção do que tem em semelhança e em diferenças com os outros. Por esta razão, realçamos a pertença social e cultural que são os ingredientes necessários a esta construção. Esta conceção é apoiada pelo seio escolar quando respeita e valoriza a cultura de cada criança e da sua família.

Ao explorar esta relação escola-família, podemos centramo-nos mais especificamente nos avós, através de todas as áreas de conhecimento, mais especificamente, na Área de Formação Pessoal e Social e pela Área de Conhecimento do Mundo, onde a modelação dos papéis sociais e dos processos de comunicação estão ligados à família. Assim, cabe à escola saber acolher e enquadrar e até mesmo aproveitar, como elemento que pode potenciar aprendizagens e experiências nas várias áreas de conhecimento. As brincadeiras livres são ótimos exemplos dessa modelação, quando uma criança representa, nas suas brincadeiras, situações reais ou imaginárias, como na área da casa, no Jardim de infância, muitas das vezes interpretam diversos papéis onde representam o pai, a mãe, os avós, os filhos e muitos desses papéis são baseados naquilo que observam no dia-a-dia e nas suas casas. Contudo o contrário também acontece, isto é, a família tem o privilégio de observar, através das crianças, representações do que ela vivenciou na escola.

De acordo com as OCEPE (Silva et al., 2016) dada a importância do contexto familiar na educação, a escola deve planear e avaliar junto da família, o incentivo à participação, facilitando assim a possibilidade de conhecer melhor o contexto familiar e social das crianças e envolver os pais/famílias no processo educativo. Deste modo, vemos cada vez mais, no calendário escolar a festividade dos dias dos avós nas escolas, este é um claro sinal de que cada vez mais os avós estão presentes na vida dos netos.

Silva et al., (2016) verificou que os avós valorizam muito a escola e a educação e, quando sentem que não conseguem ajudar os netos nos trabalhos escolares, definem estratégias para encontrar uma solução.

## **II – Caracterização dos Contextos da Prática de Ensino Supervisionada**

Os estabelecimentos de ensino onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, desenvolveu-se em três instituições socioeducativas: Creche com uma duração total de 90 horas; Jardim-de-infância com 150 horas e no 1.º Ciclo do Ensino Básico com um total de 180 horas. Em todos os contextos, o estágio decorreu em 3 dias semanais (Segunda, terça e quarta-feira) com uma duração de 5h diárias.

Iremos abordar neste ponto os contextos onde decorreu a PES, bem como a caracterização de cada um deles, relativamente à instituição, organização de espaços, tempos pedagógicos e grupo de crianças.

### **2.1 – Caracterização do Contexto de Creche**

#### **2.1.1 – A instituição**

A prática de ensino supervisionada foi desenvolvida numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). A estrutura organizacional era composta por 5 respostas socioeducativas: centro de dia, centro de convívio, atendimento social, Creche e Jardim de Infância.

Relativamente ao horário da Instituição, esta abria às 07h45 e o encerramento era pelas 19h00. As crianças que estavam inscritas na creche e Jardim de Infância tinham um horário mais flexível, podendo chegar até às 09h30.

Todas as respostas socioeducativas têm um papel primordial: desenvolvimento global, assim como um papel ativo no combate à pobreza, promoção de inclusão social de todos os constituintes da IPSS, independentemente da idade, etnia e género.

No que diz respeito às infraestruturas, trata-se de um edifício constituído por 3 andares. A creche está instalada no segundo andar. Este é composto por seis salas de atividades - em que duas delas estavam agrupadas por idade - uma copa de alimentação, um refeitório e um salão polivalente, utilizado para várias atividades (festas, educação física, acolhimento de crianças, dormitório, recreio interior, entre outros). No rés/chão existia a sala da direção, duas arrecadações, três instalações sanitárias e três salas para a Educação pré-escolar. No andar inferior estava a funcionar o centro de dia frequentado por idosos. Esta resposta social desempenhou um papel importante para o

desenvolvimento do tema de investigação, como poderemos ver mais à frente neste relatório.

Para além disso, observou-se que existia um espaço exterior que era utilizado como parque infantil para as crianças se divertirem. A este nível considera-se que este local era uma mais-valia para as crianças pois, assim, poderiam brincar ao ar livre e divertirem-se. Azevedo (2015) defende que “o recreio no jardim-de-infância é um dos poucos espaços que resta para que as crianças se encontrem e façam aquilo em que verdadeiramente são especialistas: brincar” (p.1).

### **2.1.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos**

O modo como o educador organiza o ambiente educativo está diretamente relacionado com a forma como concebe à criança a aprendizagem e o seu papel nessa aprendizagem. Deste modo, segundo Silva et al., (2016) quando o educador proporciona um ambiente seguro, de diálogo e que acolhe as crianças, este por sua vez está a potenciar a criação de um ambiente inclusivo, democrático e participativo.

Durante o estágio, no que se refere à organização dos espaços, primeiramente, averiguamos que existia uma sala “Rosa II” (ver figura 1). A mesma era destinada às crianças de 1 ano de idade e era um espaço amplo e com boa iluminação natural (janelas de grande dimensão). Simultaneamente, observamos que as crianças tinham contacto com vários espaços na instituição (sala, refeitório, casa de banho e hall de entrada).

**Figura 1**– Sala Rosa II



Na figura 2 apresentada a seguir, podemos observar que a sala, se encontrava dividida por áreas. Observamos que são poucos os objetos que se encontram no meio da sala tornando assim uma sala ampla, ou seja, apenas os cantos se encontravam

ocupados. Queremos com isto salientar que era um espaço destinado a crianças de um ano, em que a maioria estava a aprender a caminhar e, por isso, a distribuição dos objetos facilitava a deslocação.

Conseguimos observar que num dos cantos havia um tapete de grandes dimensões com almofadas que acabava por ser versátil, pois era neste local que decorria tanto o acolhimento, como as atividades em pequeno grupo, ou até mesmo as atividades de expressão musical

Existia também um outro local com uma mesa e cadeiras. Esta parte da sala destinava-se à realização de atividades em pequeno grupo. No que diz respeito ao espaço de lazer, este estava preenchido com diversos brinquedos, bem como uma cozinha de brincar, vários sofás, cestos com bolas, carros e bonecos.

**Figura 2** – Planta da sala de atividades



**Legenda da figura 2**

- 1 – Porta
- 2 – Local do acolhimento
- 3 – Janelas
- 4 – Área da cozinha
- 5 – Área dos jogos/construções
- 6 – Armários
- 7 – Mesa de atividades

A organização do espaço deve zelar pela segurança e bem-estar da criança, para que o ambiente em sala possa ser estimulador para o seu desenvolvimento. Quando organizamos um espaço devemos ter em atenção aos materiais. Estes não devem ser escolhidos apenas pela sua beleza estética, mas sim a pensar nos benefícios que poderão trazer ao desenvolvimento da criança. Nesta sequência, tal como está definido nas OCEPE, Silva et al., (2016) “a escolha dos materiais deverá atender a critérios de qualidade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (p.26).

Sendo a organização um fator fundamental na vida de uma criança, não podemos deixar de referir que a rotina, é essencial e a adaptação da mesma também. Como refere Bondioli (2004), “a organização do tempo quotidiano na pré-escola é geralmente

pensada em relação à duração total das atividades de rotina, das atividades didático-educativas e das situações de brincadeira livre” (p.98). A rotina diária é muito importante nesta fase de desenvolvimento da criança, uma vez que proporciona experiências de aprendizagem a todos os níveis. Marchão (1997) refere que “as rotinas da creche funcionam como eixos globalizadores, em torno dos quais se deve articular a ação educativa da creche” (p.11). Além disso são utilizadas como estratégias para atingir determinados objetivos, transmitindo segurança, uma vez que a criança começa a perceber o que acontece em cada etapa do seu dia.

Deste modo as crianças começam a “assimilar” e a diferenciar os diferentes momentos do dia. Post e Homann (2011) citado por Moraes (2016) destacam a importância de um horário

previsível e flexível - organizado e consistente, no entanto, suficientemente flexível para acomodar as necessidades de cada criança. Os educadores, à semelhança das crianças, precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos (o que acontecerá a seguir) (p. 197).

A participação da criança em todas as atividades é uma mais-valia para a sua integração no contexto educativo, desta forma as aprendizagens serão aprendidas, como se verifica na tabela 1.

**Tabela 1**– Organização da rotina diária (Creche)

Período	Tempo	Momento de rotina
Manhã	07:45 – 09:00	Chegada à creche
	09:00 – 09:30	Acolhimento
	09:30 – 10:00	Diálogo com as crianças
	10:00 – 11:00	Atividades
	11:00 – 11:30	Interação das crianças (brincadeiras)
	11:30 – 12:00	Almoço
	12:00 – 12:30	Higiene e preparação para a sesta
Tarde	12:30 – 15:00	Sesta
	15:00 – 15:45	Lanche
	15:45 – 16:30	Higiene
	16:30 – 17:30	Atividades
	17:30 – 19:00	Visualização de televisão/encerramento da instituição

O período da manhã estruturava-se da seguinte forma: chegada das crianças à creche, seguida do acolhimento (cantar os bons dias), posteriormente existiam atividades estruturadas pela educadora de infância ou alunos estagiários, atividades livres de lazer (brincadeiras e interações das crianças), higiene e por fim momento da sesta.

O período da tarde continha o lanche (auxílio na alimentação das crianças), momentos de intervenção da educadora como dos estagiários e por fim momento de lazer (interação e brincadeiras das crianças).

### **2.1.3 – O grupo de Crianças**

O estágio foi desenvolvido com um grupo de 15 crianças, até um ano de idade. Dessas 15 crianças, nove eram do género feminino e seis do género masculino. Todas as crianças já tinham iniciado a marcha à exceção de uma, que somente gatinhava. A equipa educativa, era formada por uma educadora de infância e uma assistente operacional. Todas as crianças deste grupo era a primeira vez que estavam a frequentar qualquer tipo de instituição educativa, fosse ela a creche ou qualquer outra resposta. O processo de autonomia acaba por ser um procedimento de evolução em que as crianças nos presenteiam ao longo dos dias e devido ao facto da nossa entrada ter sido após o início do ano letivo, não nos foi possível observar o desenvolvimento desde o início.

Após uma conversa com a Educadora de Infância foi possível verificarmos que algumas destas crianças já vinham ligeiramente mais desenvolvidas tanto a nível motor como a nível autónomo, pois algumas delas já tinham a autonomia para arrumar os seus próprios brinquedos. Neste tempo de observação conseguimos também perceber o nível de comunicação das crianças e pudemos verificar que apenas 4 crianças conseguiam pronunciar algumas palavras, no caso das restantes a sua maneira de comunicação era através da indicação visual ou até mesmo de indicação gestual, onde apontavam com o dedo para o que queriam.

O grupo era participativo e ativo na realização de atividades, no entanto, estas nunca poderiam ser muito prolongadas, pois o grupo dispersava facilmente. No que diz respeito à alimentação, a independência era visível, ou seja, durante as refeições todas as crianças comiam sozinhas, só em certas ocasiões, algumas precisavam de uma pequena ajuda para terminarem a refeição. Azevedo, (2015) refere que “o educador deverá ajudar a criança a crescer e a desenvolver-se como ser humano, pois é a escola

que por vezes tem o papel principal na formação da criança dando-lhe estímulos com vista à promoção do seu desenvolvimento aos diferentes níveis (pág. 6). Assim sendo, o acompanhamento na hora da refeição era feito de forma atenta, proporcionando segurança e incentivando sempre a autonomia da criança, para que resultasse num momento de prazer.

## **2.2 – Caracterização do Contexto de Jardim de Infância**

### **2.2.1 – A instituição**

O estágio no contexto de Educação Pré-Escolar foi realizado numa Instituição de carácter Público e tem como respostas socioeducativas o Jardim-de-infância (JI) e o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB). Em termos de espaço físico observava-se que a mesma dispunha de quatro salas de jardim-de-infância, seis salas de 1.º CEB, um refeitório, uma biblioteca, casas de banho para cada resposta socioeducativa e a sala dos professores. Ainda neste âmbito, constatou-se que tanto o JI como o 1.º CEB tinham o seu próprio recreio, mais a biblioteca em comum.

No que diz respeito à equipa técnica, no JI a equipa era constituída por oito educadoras e seis assistentes operacionais, uma Coordenadora e subcoordenadora pedagógica. A equipa era reforçada por profissionais externos sempre que existiam atividades extracurriculares, designadamente, terapia da fala, inglês, música ou educação física.

### **2.2.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos**

O espaço de sala estava dividido em algumas áreas muito bem definidas, tendo em conta o programa educativo e os interesses das crianças (ver figura 2). Orientado por uma perspetiva mais construtivista, como refere Oliveira-Formosinho, (1996), a sala valorizava as crianças e estava organizada com um ambiente educativo de forma a proporcionar às crianças uma aprendizagem ativa, através de uma boa organização do ambiente educativo em que são proporcionadas experiências positivas e enriquecedoras para o seu desenvolvimento (p.31).

Para além da sua divisão por áreas, a sala reunia no centro, um conjunto de cadeiras colocadas em círculo, para que a comunicação entre os alunos-alunos, alunos-professor e vice-versa fosse mais interativa, esta organização tem como principal objetivo desenvolver a segurança, promover a educação participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula, entre outras.

**Figura 3** – Planta da sala do Jardim de Infância



**Legenda da figura 3**

- 1 – Porta
- 2 – Armários
- 3 – Área de trabalho em pequenos grupos
- 4 – Secretária da educadora
- 5 – Área das expressões/ciências
- 6 – Quadro da Rotina
- 7 – Janelas
- 8 – Área da biblioteca
- 9 – Área das construções
- 10 – Área da Cozinha
- 11 – Área da Casinha
- 12 – Área dos jogos de mesa
- 13 – Área dos jogos de mesa

A figura 3 apresenta a disposição da sala, mostrando todas as áreas e elementos, importantes, facilitadores à dinamização das atividades, como podemos ver na figura a sala é ampla e decorada com cores vivas e alegres, sendo que essa decoração era na sua maioria com trabalhos realizados pelas crianças. Na sala existia mobiliário adequado às necessidades das crianças: um armário com as capas referentes a cada criança, estojos de cada um, entre outros materiais, mesas de trabalho, uma cozinha, uma cama das bonecas e um armário. A sala tinha várias janelas, o que é um fator positivo, pois oferecia bastante luz natural. Nesta instituição, um dos valores instituídos era que as crianças deveriam aprender através da brincadeira e por isso, existia particular preocupação por parte dos educadores em promover um espaço simultaneamente pedagógico e orientado às brincadeiras das crianças. Esta visão por parte da instituição remete para o princípio defendido por Cunha (1994) que refere que o espaço pedagógico é muito mais que um conjunto de cadeiras, mesas e materiais. Portanto, esta instituição procurou através da disposição da sala que as crianças pudessem ser estimuladas a nível cognitivo e social.

As paredes da sala eram utilizadas para afixação dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças e também tinham alguns instrumentos organizadores da rotina diária afixados (mapa de assiduidades, calendário dos aniversários, as estações do ano, etc.) Todos os materiais e brinquedos da sala estavam ao alcance das crianças sem a necessidade de intervenção do educador ou assistente operacional, trabalhado assim a autonomia

No decorrer da PES, criamos uma área na sala de atividades: a área das ciências. A criação deste espaço foi efetuada com a colaboração da educadora e das crianças. Como tal, procuramos que as crianças participassem nesta atividade como agentes ativos e participativos.

No decorrer deste processo constatamos que as áreas de atividade deviam ir-se adaptando/modificando conforme decorria o projeto educativo e os interesses das crianças. Para além disso, averiguamos que as crianças criavam uma relação afetiva com o espaço da sala, ainda mais, se participassem na organização da mesma. Por sua vez, conforme se pode verificar na figura 4, a sala de atividades foi organizada de forma a possibilitar que as crianças tivessem liberdade de realizar diferentes tipos de atividade conforme os seus interesses. A disposição das cadeiras em círculo facilitava a comunicação e a observação, como podemos ver na figura seguinte.

**Figura 4** – Sala de atividades do Jardim de Infância



A sala em forma circular é uma das únicas organizações de grupo, que permite olhar para cada indivíduo, ao mesmo tempo que, permite ouvir e observar sem ter a necessidade de girar o pescoço ou até mesmo de pedir para retirar algum elemento da frente.

Em relação ao espaço exterior verificamos que existiam dois espaços, um para as crianças do JI e outro para as crianças do 1.º CEB. Ambos eram espaços amplos e dispunham de atividades para as crianças.

Em termos de organização das atividades verificou-se que durante o dia existiam trabalhos de grande grupo, pequeno grupo ou individuais. Os trabalhos tanto eram orientados pela educadora e decorrente do projeto educativo como livres. No que diz respeito ao tempo pedagógico (tabela 2), na educação pré-escolar, a rotina estava muito relacionada ao uso dos espaços, sendo um aspeto fulcral para que as crianças tivessem a noção da organização do tempo e ambiente, as crianças entravam na sala às nove horas, cantavam os bons dias e preenchiam o registo de presenças, estas dinâmicas eram feitas em grande grupo, depois do lanche sentavam-se em grande grupo para escolherem a área para onde queriam ir trabalhar/brincar. Depois do almoço havia um momento de relaxamento seguido de uma planificação, o dia terminava com a revisão de acontecimentos e aprendizagens.

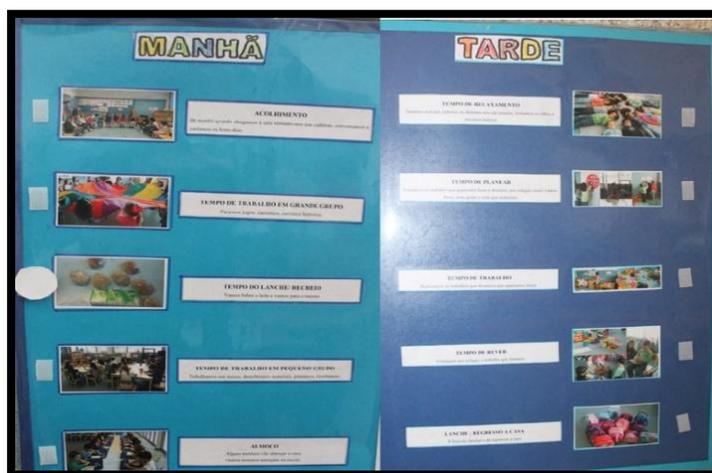
**Tabela 2 – Organização da rotina diária em J.I**

Período	Tempo	Atividades
Manhã	09:00	Acolhimento
	09:30	Tempo de trabalho em grande grupo
	10:30	Tempo de lanche/recreio
	11:00	Tempo de trabalho em pequeno grupo
	12:30	Almoço
Tarde	14:00	Tempo de relaxamento
	14:30	Tempo de planear
	14:45	Tempo de trabalho
	15:30	Tempo de rever
	16:00	Lanche/Regresso a casa

A tabela acima encontra-se dividida entre o período da manhã e período da tarde, mostrando assim a rotina educativa, esta por sua vez promove o desenvolvimento da autonomia das crianças. Em idades pré-escolares, as crianças necessitam de saber o que sucede a seguir. A imprevisibilidade nestas faixas etárias é prejudicial e deve ser minimizada o mais possível, por isso, a rotina educativa é bastante importante para o

desenvolvimento das crianças, para que estas se sintam seguras e saibam o que esperar ao longo do dia. Claro que, poderá haver uma ou outra atividade não programada, sendo isso extremamente bem aceite pelas crianças, mas não eram nem poderiam ser, constantes, como mostra a figura 5.

**Figura 5 – Quadro de rotinas do J.I**



O quadro presente na figura 5 era um ponto crucial no dia-a-dia das crianças. Queremos com isto dizer que a rotina não estava apenas memorizada, existia uma necessidade de registrar no quadro o que já tinha sido feito. Adotar uma rotina é importante porque beneficia vários aspetos da vida da criança tais como o desenvolvimento da autonomia, o desenvolvimento da linguagem e da motricidade e até mesmo a interação com os colegas e com o ambiente

### **2.2.3 – O grupo de crianças**

No contexto de Educação Pré-Escolar (EPE), o grupo era composto por 21 crianças, com idades de 4 e 5 anos, sendo assim uma sala vertical. No que diz respeito à equipa educativa, era constituída por duas educadoras de infância. Na sua maioria, o grupo mostrou-se assíduo, pontual, dinâmico, empenhado, curioso e participativo. São crianças ativas que demonstraram interesse pelas atividades, contudo, algumas revelavam uma certa dificuldade em realizar determinadas atividades até ao fim. Manifestavam interesses diversificados: vários tipos de jogos, brincar na área da casa, do quadro, da escrita, desenho, pintura, colagem e modelagem, ver livros, ouvir e contar histórias com ou sem fantoches, participar em conversas e na realização de trabalhos propostos.

Temos em consideração que a criança é um ser individual que se vai formando nos contextos em que se insere, respeitando as suas características individuais e saberes

já adquirido. O grupo encontrava-se no estágio pré-operatório na escala de Piaget. Durante este período a criança desenvolve a inteligência representativa, ligada à aquisição da linguagem, desenvolvendo a capacidade de representar.

## 2.3 – Caracterização do Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico

### 2.3.1 – A instituição

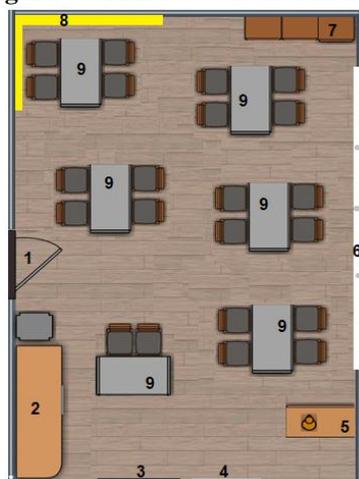
A instituição era de caráter público e tinha como respostas socioeducativas o Jardim de infância (JI) e o 1.º CEB.

Em termos de espaço físico observava-se que a resposta social do Jardim de Infância dispunha de quatro salas de atividades, a biblioteca, pavilhão, refeitório, casas de banho e ainda as salas dos Educadores de infância. Quanto ao espaço do 1.º CEB, dispunha de várias salas referentes aos quatro anos de escolaridade e tinha um recreio próprio, bastante amplo, onde decorriam as aulas de ginástica e os recreios.

### 2.3.2 – Organização dos espaços e dos tempos pedagógicos

A sala de aula deve ser organizada para que todos os alunos possam participar e aplicar os seus conhecimentos nas diversas aprendizagens. A sala onde decorreu o estágio, tinha forma retangular, grandes janelas, com muita luz natural e as mesas estavam dispostas em 6 grupos. A secretária da professora encontrava-se numa das extremidades da sala (ver figura 6). A sala dispunha de um quadro branco e um quadro interativo à entrada da porta do lado direito. Posteriormente, à sua direita era o armário das professoras com material de apoio à escrita e expressão plástica, assim como colas, tesouras, lápis, cadernos, folhas brancas, etc. Como podemos observar na figura 6, trata-se de uma sala ampla e bem organizada.

**Figura 6** – Planta da sala de aula do 1.º CEB



#### Legenda da figura 6

- 1 – Porta
- 2 – Armário das professoras
- 3 – Quadro interativo
- 4 – Quadro branco
- 5 – Secretária das professoras
- 8 – Janelas
- 7 – Estante e armário dos alunos
- 8 – Quadro de afixação de trabalhos
- 9 – Secretárias dos alunos

Como podemos observar na planta da sala, o ponto 8 era um quadro destinado a afixar cartazes com vários conteúdos dados na aula, assim como um quadro de aniversários para as crianças saberem quem fazia anos e poderem recordar. Na parede em frente ao quadro branco, eram afixados trabalhos realizados pelos alunos.

A sala de aula tinha mobiliário suficiente para arrumações, pois os alunos deixavam na escola todos os manuais/materiais, levando apenas o necessário para realizar os trabalhos de casa.

Ao longo do tempo, conseguimos observar que o grupo ficou bem integrado nos espaços e também conseguiu ser responsável pela organização dos mesmos. Considerámos que eram alunos responsáveis que tinham uma dinâmica diferente, não só pela disposição da sala, mas também pelo ritmo de trabalho. Era uma turma que tanto realizava trabalhos individuais como trabalhos em grupo. Os trabalhos em grupo eram muito aproveitados no sentido de interajuda, pois os grupos eram heterogéneos o que resultavam trabalhos muito interessantes.

Relativamente ao tempo pedagógico (ver tabela 3), no 1.º CEB, é necessário corresponder às horas lecionadas para cada disciplina, nesse sentido, as crianças tinham o horário muito bem distribuído o que facilitava uma melhor organização diária, porque sendo uma turma com crianças muito autónomas, estas já tinham por iniciativa distribuir os manuais de acordo com a respetiva matéria.

Como podemos observar na tabela 4, as aulas tinham início às nove horas da manhã, com a componente letiva que variava no decorrer da semana. Após uma hora e meia de aula, os alunos aproveitavam a sua meia hora de intervalo e de seguida regressavam à sala para terminar as tarefas que não tinham sido concluídas ou para iniciar uma nova matéria. Na parte da tarde o horário era dedicado ao Estudo do Meio e às expressões, quer plásticas, dramáticas ou físico-motora.

**Tabela 3 – Organização da rotina diária no 1.º CEB**

	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
09:00-09:30					
09:30-10:00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10:00-10:30					
10:30-11:00	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11:00-11:30					
11:30-12:00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12:00-12:30					
12:30-13:00					
13:00-13:30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13:30-14:00					
14:00-14:30					
14:30-15:00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressões	Expressões	Estudo do Meio
15:00-15:30					
15:30-16:00		Expressões	Estudo do Meio		

Esta rotina, como consta na tabela atrás, nem sempre era seguida podendo haver alterações de acordo com as necessidades das crianças e dos profissionais educativos.

A prática de ensino supervisionada (PES), desenvolveu-se, como disse mais atrás, durante 5 horas por dia de segunda-feira a quarta-feira, no período da manhã (das 09:00h às 12:00h) e no período da tarde (das 14:00 às 16:00h), nas disciplinas de matemática, português, estudo do meio e expressões artísticas e físico-motoras.

Durante o período de observação, conseguimos ter noção da rotina que a professora adotava com os alunos. Neste âmbito constatou-se que duas crianças tinham a tarefa de saberem o número total de crianças a almoçar na escola e verificarem quem fez ou não o trabalho de casa. Esta tarefa tinha como objetivo potenciar o desenvolvimento de responsabilidade, memória e organização por parte das crianças.

Para além desta tarefa, outras também eram instituídas, designadamente, a distribuição do material escolar, sendo estas tarefas estipuladas semanalmente.

### **2.3.3 – O grupo de crianças**

A sala do 2.º ano do 1.º CEB, era organizada por 26 crianças, com 7 anos de idade.

O grupo residia em Bragança e pelo menos 24 das 26 crianças tinha frequentado a EPE. O grupo era pontual e assíduo. Sempre que existia alguma falta, havia aviso prévio por parte dos pais.

A dinâmica da sala era muito boa, pois a disposição da sala proporcionava trabalhos em grupo, deste modo, os alunos com mais dificuldades eram auxiliados pelos colegas. Todas as semanas os grupos iriam rodando, para que fosse dada a oportunidade de a turma trabalhar com todos. A professora cooperante utilizava recurso tecnológicos (computadores) para auxiliar ao seu método de ensino por descoberta, em que as crianças investigavam novas informações e adquiriam novos conhecimentos a partir do seu conhecimento prévio, indo ao encontro dos conteúdos estabelecidos no programa e nas metas curriculares.

O ritmo de trabalho era razoável e à medida que íamos observando, fomos reparando que a autonomia de alguns alunos foi evoluindo, não só por influência dos colegas, como também pela rotina do dia-a-dia.

Era uma turma com uma particularidade, a maioria dos alunos frequentavam aulas de música, dando assim a possibilidade de uma vez por semana fazerem uma demonstração com o seu instrumento musical.

Em relação à família, 2 alunos que viviam com a mãe e com os avós uma aluna residia só com a mãe (agregado familiar mononuclear) e os restantes provinham de agregados familiares nucleares (residiam com os pais e irmãos, no caso se existissem).

### **III – Metodologia de Investigação**

De seguida, iremos apresentar toda a estrutura que fundamenta a nossa pesquisa durante a PES. Neste sentido apresentaremos os métodos utilizados que serviram de orientação nos contextos de Creche, JI e 1.º CEB, assim como os objetivos que quisemos alcançar e explicaremos todos os instrumentos necessários para obter as conclusões e as respostas à nossa investigação.

#### **3.1– Questão problema e objetivos da investigação**

A escolha do tema para a investigação acabou por ser facilitada devido ao interesse que existia nestas duas fases da vida. É verdade que existe uma distância cronológica significativa entre a pessoa idosa e a criança, ambas vivem em fases e realidades fisiológicas e histórico-culturais diferentes. No entanto, essas diferenças podem proporcionar muitas aprendizagens e sentimentos de valorização.

Quando duas gerações têm oportunidade de convivência a troca de experiências é gratificante, podemos afirmar, pois, foi notório tal interação no decorrer das nossas atividades.

A criança está num processo de desenvolvimento e aquisição de conhecimento e formação da própria personalidade, enquanto o idoso está carregado de conhecimentos, experiências e histórias de vida. Desta forma conseguimos proporcionar neste processo de investigação momentos de prazer entre as gerações. Conforme Ribeiro et al., (2010) “ao aproximar gerações, são quebradas barreiras, eliminados preconceitos e vencidas discriminações” (p. 469). Essa aproximação ocorre tanto nos laços parentais, entre netos e avós, como podem advir no convívio social com ações de solidariedade e formação de convivência entre as gerações.

A relação de avós e netos é um tema pertinente e por este motivo foi delineada a seguinte questão problema: Como é que as práticas educativas na Creche/Jardim de Infância (JI) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) podem proporcionar uma relação Intergeracional que beneficie as crianças

Depois de elaborada a questão problema foram definidos alguns objetivos orientadores de estudo: (i) Fomentar encontros intergeracionais; (ii) Analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros; (iii) Verificar o tipo de relação entre idosos/avós e crianças; (iv) investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avós.

### **3.2 – Método de investigação qualitativa**

O presente relatório foi desenvolvido de acordo com uma abordagem qualitativa, de forma a obter e interpretar conhecimentos acerca do ensino, da aprendizagem e da socialização. A investigação qualitativa tem como base o facto de não existir um método específico, ou seja, a inexistência de que exista apenas um, na verdade defende que todos os métodos têm falhas e vantagens que podem ser compensadas e reunidas (Berger & Luckman 1973).

Segundo Pinto et al., (2018) “o pesquisador qualitativo investiga num ambiente natural e interpreta os fenómenos, segundo os significados atribuídos pelos participantes” (p.31). Esta afirmação salienta pontos importantes relativos a este tipo de metodologia, destacando-se entre eles, abordagens que envolvam a utilização de narrativas, entrevistas, observações, fotografias, textos visuais, entre outras fontes de dados. É o que acaba por acontecer na presente investigação, pois servem de resultados conclusivos, momentos fotográficos, relatos emocionais, entre outros.

Minayo (2006) define a metodologia qualitativa como: “aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo estas últimas encaradas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (p.37).

A investigação qualitativa tem, quatro características fundamentais: a primeira refere-se como sendo a fonte direta dos dados tendo como base o ambiente natural e o investigador. Em segundo, os dados recolhidos, maioritariamente, de carácter descritivo. Em terceiro o próprio investigador que tem como principal objetivo o de compreender esses mesmo dados. E por fim a análise dos dados que quase sempre é feita de forma indutiva.

### **3.3. – Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

A recolha de dados é a estratégia e a base para que o estudo seja feito. É através desta tarefa que conseguimos dar seguimento às conclusões. Esta recolha foi feita no decorrer do processo de investigação, nas circunstâncias oportunas, respeitando sempre o momento e local da criança e dos membros do contexto educativo.

Para conseguirmos uma melhor resposta à nossa questão foi necessário usar várias estratégias de recolha de informação. Foram realizados questionários aos encarregados de educação no contexto da creche e aos alunos do 1.º CEB. Já no JI realizamos

entrevistas semiestruturadas, observamos as crianças, por essa razão, tiramos notas de campo e registros fotográficos.

Como se tratava de um tema um pouco direcionado à família sentimos a necessidade de realizar uma reunião, no contexto de Educação Pré-escolar (EPE), no sentido de sensibilizar, informar e averiguar as possibilidades de visitas de avós ao colégio.

Em suma, as técnicas escolhidas acabam por ser um instrumento de trabalho que possibilita a realização de uma pesquisa e, portanto, a sua escolha depende dos objetos de investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise. Estas técnicas, tal como refere Moresi (2003) são “um conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controlo e a análise dos dados” (p. 149). É através destes instrumentos que conseguimos fazer registos que posteriormente nos levam às nossas conclusões. Uma investigação deve andar sempre lado a lado com as técnicas necessárias ao estudo, pois as conclusões são um culminar de um processo extenso de várias etapas.

### **3.3.1– Observação**

Observar, pode ser o instrumento mais completo, mas ao mesmo tempo o mais complexo neste processo de investigação. Completo porque o que vemos é o real, é o momento, é o que está a acontecer e nós temos o privilégio de assistir, contudo essa observação poderá ter inúmeras interpretações. A análise que pode ser feita na consequência de uma ação pode ter um sentido para o observador e outro completamente diferente para o observado.

A Observação é uma estratégia que se relaciona com o campo educativo, ou seja, é elaborada uma ação estruturada baseada no processo de ensino e aprendizagem, de forma a alcançar os objetivos.

Observar deverá ter o significado de considerar com atenção para saber ou conhecer melhor, ou seja, observa-se o que se investiga, repara-se no que chama atenção. Deste modo, Freire (1998) ao atribuir a observação ao ato pedagógico analisa que: “Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica”

(p.14). Dessa forma, a observação não é um ato vago, algo que não detém uma finalidade, mas sim um instrumento de análise crítica sobre uma determinada realidade.

### **3.3.2 – Notas de campo**

Como já foi referido no ponto anterior, a observação deve andar de mãos dadas com a escrita, assim sendo, as notas de campo são o resultado de tal união. Como referem Bogdan e Biklen (1994) as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150).

As notas de campo são registos que foram recolhidos durante a observação, representam um conjunto de dados necessários para uma pesquisa qualitativa. Estas notas servem como anotações, para que consigamos explicar de uma forma mais perfeccionista, algum objetivo da pesquisa. Nesta ordem de ideias é importante existir não só uma estrutura do que se vai observar, como também há uma necessidade de ter uma estrutura para poder registar. Inicialmente devemos ter noção do que iremos apontar, visto que numa atividade podemos esquecer diversas coisas e também podemos fazer o contrário, retirar notas desnecessárias à nossa pesquisa. Autores como Bogdan e Biklen (1994) apresentam várias sugestões sobre o que deve ser incluído nas notas de campo,

O conteúdo das observações deve conter uma parte descritiva e uma reflexiva: A parte descritiva compreende um registo detalhado do que ocorre no campo (...) A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, dúvidas, incertezas, surpresas e [deceções] (pp.275-276). As notas de campo acabam por ser o nosso diário de bordo, são um suporte essencial para as nossas conclusões e análises, neste sentido as notas de campo devem ser refletidas e baseadas numa boa observação.

### **3.3.3 – Registos fotográficos**

Os registos fotográficos na nossa opinião são a recolha mais satisfatória, não só no sentido de criar memórias, mas também o facilitismo de voltar a recordar/observar.

Salientamos que segundo Esteves (2008) “as imagens registadas não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível

para mais tarde, depois de convenientemente arquivados serem analisados e reanalisados, sempre que tal seja necessário” (p.91). Nas variadas experiências de aprendizagem desenvolvidas com as crianças, registamos através da fotografia alguns dos momentos mais relevantes. Desta forma, demonstramos também o trabalho realizado com e pelo grupo. Com estes registos fotográficos que fomos captando, foi-nos possível recolher “informação sobre o comportamento dos sujeitos, a sua interação e a sua forma de apresentação em determinadas situações” (Bogdan & Biklen, 1994, p.141). O registo fotográfico tem muito valor, não só no sentido memorial, mas também sentimental, valorizando nas atividades que se passam num determinado local, pode ajudar a identificar erros, a melhorar os procedimentos e a divulgar boas práticas educativas. Como já referimos nos pontos anteriores, é necessário existir uma estrutura para que não haja perda de tempo a fotografar momentos/trabalhos desnecessário ao processo de investigação.

### **3.3.4 – Inquérito por questionário**

Sendo um tema relacionado com o seio familiar, foi necessário realizar algumas questões de carácter privado, sendo elaborados inquéritos por questionário. Este recurso, fez-se por duas razões, uma delas, pela não existência prévia de dados que permitiam a análise comparativa a diversos níveis, depois, pela necessidade de perceber aspetos importantes em relação a momentos distintos da vida dos inquiridos.

Ao mesmo tempo, o inquérito por questionário assegura a credibilidade dos dados que se recolhe, dá informações em objetividade, mas perde em profundidade explicativa. Por outro lado, o inquérito por questionário constitui uma técnica fundamental de observação quando se pretende obter uma considerável variedade de respostas acerca da vida de cada informante.

Este instrumento é uma técnica de investigação utilizada e imprescindível a esta pesquisa, pois segundo Quivy (1992) esta estratégia “destina-se frequentemente à pessoa interrogada; lido e preenchido por ela” é composta por um conjunto de perguntas direcionada a um grupo de indivíduos (p. 188).

Os questionários que foram apresentados tinham questões de resposta fechada, dando sempre a opção de acrescentar outra opção, esta escolha prendeu-se ao facto de se pretender respostas mais diretas.

### **3.3.5 – Entrevista semiestruturada**

A entrevista semiestruturada é um modelo que é representado por um guia de perguntas previamente estabelecidas, mas que admite, contudo, a supressão ou a inclusão de novas questões, tendo como foco determinados assuntos. Apesar de não ter a obrigatoriedade de ser seguida na plenitude, é necessário criar questões pré-definidas, sendo adaptável de acordo com o rumo do diálogo.

Foi necessário optar pela entrevista semiestruturada, uma vez que existiu a necessidade de questionar as crianças sobre as atividades que faziam com os avós, assim, conseguíamos obter uma resposta de cariz mais pessoal. Este instrumento só foi possível realizar com as crianças da Educação pré-escolar, pois as crianças da creche ainda não falavam e os alunos de 1.º ciclo do Ensino Básico responderam por questionário. Assim sendo, a entrevista às crianças foi realizada individualmente, procurando momentos em que a criança estava sozinha, para não ser influenciada. Este foi o procedimento mais adequado, visto que já existia uma grande aproximação às crianças, existindo um grande à vontade ao serem entrevistadas.

Vale lembrar que a qualidade das entrevistas depende muito do planeamento feito pelo entrevistador. No entender de Selltiz, (1987), “A arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas” (p. 644). A situação em que é realizada a entrevista contribui muito para o seu sucesso, o entrevistador deve transmitir, acima de tudo, confiança ao informante.

## **IV – Descrição, análise e reflexão das Experiências de ensino e aprendizagem**

Neste ponto, descrevemos e analisamos um conjunto de experiências de ensino e aprendizagem, desenvolvidas nos contextos onde decorreu a PES. As atividades apresentam-se divididas por contextos, tal como decorreu a ação desenvolvida, sendo que estas são descritas e analisadas contendo duas experiências de aprendizagem desenvolvidas em contexto de Creche, duas experiências de ensino/aprendizagem desenvolvidas em contexto de Jardim de Infância e duas experiências de ensino/aprendizagem desenvolvidas em contexto de 1.º CEB.

Neste ponto realçamos a importância que a planificações tiveram para cada experiência, tornou-se um meio de orientação, proporcionando uma melhor rotina e uma maior segurança na apresentação das atividades.

Neste quarto ponto explicamos as estratégias utilizadas nas experiências que serão apresentadas e sustentadas juntamente com notas de campo e fotografias. É importante salientar que no presente trabalho apenas estão descritas as atividades que achamos pertinentes, relativamente ao tema de investigação, fomentado nos objetivos delineados para dar resposta à questão problema.

### **4.1 – Experiências de aprendizagem desenvolvidas em Creche**

Neste ponto serão apresentadas duas Experiências de Aprendizagem (EA), ambas se encaminham para um objetivo geral: *investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avós*, partindo do benefício que as texturas têm como fator de desenvolvimento e aprendizagem na criança.

Na primeira beneficiamos as texturas como parte importante ao desenvolvimento da criança. A única forma de satisfazer essa necessidade é permitir às crianças essa mesma exploração. Assim sendo, o objetivo centra-se em proporcionar o contacto com as mais diversas texturas, sendo elas de dureza, se é áspero ou rugoso, se tem relevo, se é felpudo ou não, etc. O método utilizado para a conceção desse objetivo foi a criação de um tapete sensorial (re)construir com ajuda de uma avó.

Já na segunda EA relacionamos a textura mole com a oportunidade de utilizar o paladar. Esta atividade requereu a confeção da massa do pão, onde proporcionou às crianças a experiência de sentir a suavidade da farinha e o sabor do pão. Como resposta ao objetivo geral, foi convidado a participar nesta atividade um avô padreiro.

#### 4.1.1 – Construção do tapete sensorial

Esta experiência de aprendizagem (EA) surgiu na sequência de um diálogo com as crianças, onde salientamos a importância de abordar as texturas. Conseguimos perceber que as crianças estranham o desconhecido, ou seja, às vezes quando estamos no papel de observadores, no nosso quotidiano, percebemos que o fato de uma criança andar descalça e pisar o chão frio ou até mesmo calcar algo desconhecido poderá ser algo desconfortante para uma criança nesta faixa etária. Desta forma, procuramos trazer várias realidades em simultâneo para a sala de actividades. Para esta actividades tivemos como objetivo fomentar encontros intergeracionais, através da participação da avó, desenvolver a coordenação motora e fina e reconhecer o contacto com novas texturas.

No decorrer da conversa lembramo-nos que uma avó de uma das crianças fazia tapetes e surgiu a ideia de criar um tapete sensorial para a nossa sala. Tivemos um breve diálogo com a avó, no sentido de solicitar a sua colaboração e, esta prontificou-se em colaborar ativamente em tudo e ofereceu-nos um tapete feito por ela, combinamos com a avó qual seria a sua disponibilidade de se apresentar na instituição, pois a ideia seria a avó ajudar a (re)construir esse mesmo tapete.

*Avó: Tudo o que seja necessário para o crescimento da minha neta podem contar comigo. Quando ela crescer gostaria que ela aprendesse a coser tapetes, mas como é ainda tão pequena vai brincar com o tapete de uma forma diferente!*

N.C.1: Creche: 16/10/2017

Neste sentido acordamos os pormenores e salientámos à avó que o tapete deveria ser de fácil manuseio pois assim facilitaria a colagem dos elementos, elementos esses que foram reaproveitados, pois na instituição existia bastante material reutilizável, como por exemplo caixas de ovo, rolhas, cordas, entre outros.

Para que a atividade tivesse uma participação mais ativa por parte das crianças, numa tarde decidimos levar as mesmas até à parte exterior da instituição onde o objetivo principal era apanhar folhas de árvores. Como estávamos no outono a tarefa foi facilitada e o resultado foi não só benéfico para criação de uma textura mais áspera no nosso tapete, como também tivemos oportunidade de assistir a gargalhas e brincadeiras divertidíssimas cobertas de folhas amareladas/avermelhadas.

No dia combinado com a avó tínhamos a sala ampla preparada, com as matérias reutilizáveis e com as nossas folhas secas de cores de outono.

Colocamos as crianças à vontade, retirando os sapatos e as meias (ver figura 7), para que sentissem melhor cada particularidade do tapete. A avó entrou na sala e trazia consigo o tapete prometido. Este foi colocado no centro da sala e as crianças sentaram-se à volta. Inicialmente a avó começou por se apresentar e rapidamente a neta correu para o seu colo. As duas trocaram umas carícias e de seguida a avó pediu para as crianças colocarem/sentirem o tapete. Na sua maioria as crianças aceitaram bem esta tarefa.

**Figura 7** – Sapatos das crianças



Depois de sentirem a textura do tapete, que era macio e aconchegante, as crianças foram afastadas ligeiramente para que fosse possível colocar cola branca no tapete. Para uma melhor organização, dividimos o tapete em 8 partes e fomos colocando cola numa parte de cada vez, pois assim conseguimos ter uma perceção melhor do mesmo. Na primeira parte decidimos colocar rolhas de cortiça, como o tapete já tinha cola, foi distribuído por cada criança uma rolha e elas colocariam no tapete da forma que quisessem. O facto de fazer uma textura de cada vez deu-nos a possibilidade de certificar a segurança de cada criança. Este processo foi sempre feito individualmente, ou seja, uma criança colocava a rolha na cola com ajuda do adulto enquanto as outras crianças ficavam a observar até chegar a sua vez. Este processo foi repetido até termos a primeira parte coberta com as rolhas.

A segunda parte do nosso tapete foi destinada às cordas. Nesta parte optamos para fazer um trajeto, pois a ideia da avó era que as crianças andassem em cima das cordas como se estivessem a percorrer um labirinto.

Depois de duas partes finalizadas e de uma participação ativa por parte das crianças, passamos para a 4.<sup>a</sup> parte do tapete. Nesta parte a avó sugeriu para se colarem feijões.

*Avó: Agora devíamos colar feijões, eu trouxe alguns da minha casa, se a educadora gostar da ideia, acho que seria bom utilizar os feijões como pedras, daquelas que temos na rua ou na praia!*

N.C.2: Creche: 16/10/2017

A ideia foi bem aceite por todos e voltamos ao fazer o processo individualizado. As crianças foram afastadas do tapete para colocarmos a cola. Escolhemos “feijocas” (Feijões grandes) por serem bem maiores que os normais feijões. Mas mesmo assim consideramos tratar-se de um objeto pequeno e de fácil ingestão, o que se poderia tornar perigoso para as crianças. Explicamos e exemplificamos a perigosidade de meterem estes feijões à boca ou ao nariz. Desta forma, os feijões apenas foram distribuídos à criança que estava no processo de colagem. Como já referimos a dimensão dos feijões permitiu às crianças brincarem com a cola, deste modo, sempre que colavam, brincavam com os feijões no tapete. Foi necessário rapidamente lavar as mãos para que não colocassem as mãos na boca.

A quinta parte do tapete ficou destinada à colagem de caixas de ovos. Achamos que seria interessante as crianças sentirem uma textura com um relevo diferenciado.

Na sexta parte do tapete colamos as “crocantes” folhas de outono nas duas últimas divisórias, sendo que optamos por dois tecidos, um era de algodão e dava uma sensação mais fofa, enquanto o outro tecido era mais erogado.

Com esta atividade conseguimos oferecer às crianças a experiência de sentir diferentes texturas, sendo elas, ásperas, rugosas, fofas, com relevo, mais macias ou até mesmo texturas que provocassem algum desconforto, como foi o exemplo dos feijões que remeteram a sensação das pedras da rua por serem duros. De uma forma geral a atividade foi bem-sucedida, contudo inicialmente o desconforto e o desconhecido fizeram com que algumas crianças chorassem, mas depois de um primeiro contacto as crianças interagiram entre elas e de uma forma geral aproveitaram o seu tapete sensorial (ver figura 8).

**Figura 8 – Tapete sensorial**



Esta atividade foi realizada com sucesso porque existiu uma ligação entre a creche-família. De acordo com Silva et al. (2016), “um diálogo que facilite relações de confiança mútua permite aos pais/ famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas e ser esclarecidos sobre as opções tomadas pelo/a educador/a (p. 19)., nesta senda, o diálogo permitiu a presença de uma avó em sala, dando assim oportunidade de demonstrar às crianças o seu trabalho como também trouxe experiências educativas pensadas e ponderadas à realidade das crianças, o facto da avó pensar que os feijões serviriam como exemplo de uma experiência real, ajudou muito na concretização desta atividade.

#### **4.1.2 – Confeção do pão**

Esta EA surgiu na continuação de envolver as profissões dos avós nas aprendizagens das crianças. Desta forma, em diálogo com alguns encarregados de educação, onde abordamos as profissões dos avós das respetivas crianças, surgiu um avô que tinha como arte, fazer pão, assim, os encarregados de educação abordam o tema da fase oral, mais conhecida pela expressão de “levar tudo à boca”. Este termo foi criado por Freud para nomear a etapa de descobrimento do mundo por meio oral. Através disso, o pequeno se torna capaz de se satisfazer e ter alegria ao executar tais ações. Os objectivos para esta EA basearam-se em fomentar encontros intergeracionais, analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros e investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avós.

A comunicação entre creche-família acabou por facilitar o dinamismo da atividade, pois na atividade anterior o receio das crianças colocarem os objetos na boca era muito grande, sendo que nesta EA esse receio já não era tão elevado.

Entramos em contacto com o avô que demonstrou total disponibilidade, acordamos que seria o próprio a trazer os ingredientes, visto ter um conhecimento sobre o teor de benefícios dos mesmos.

No dia da atividade a sala encontrava-se ampla, havia apenas uma mesa no centro, para facilitar a realização da EA. Quando o avô entrou na sala, despertou algum receio nas crianças, pois vinha vestido a rigor, com a sua bata branca. Contudo, o seu neto correu imediatamente para os seus braços, demonstrando para os restantes colegas que não havia necessidade de ter medo.

O avô começou por colocar os ingredientes em cima da mesa, à medida que apresentava um ingrediente contava uma história acerca do mesmo.

*Avô: Esta farinha é mágica, o nosso pão irá ficar maravilhoso porque esta farinha é branca com a neve e é muito saudável*

N.C.3: Creche: 4/11/2017

Observamos que as crianças estavam a interagir com o avô, estavam atentas e algumas já conseguiam reconhecer os ingredientes à medida que o avô ia perguntando.

O avô começou por colocar tudo num recipiente e depois deu a oportunidade de todas as crianças, de forma individual, ajudarem na mistura, até conseguirem a consistência da massa. Neste episódio a reação das crianças foi quase unânime, pois, colocar as mãos no desconhecido fazia com que elas reproduzissem não só sons de desagrado, como o choro, como também as feições faciais eram prova dessa reprovação. Contudo, o diálogo nestas circunstâncias foi essencial e quando um adulto da sua confiança demonstrava a ação, as crianças, na sua maioria aceitaram, pois como refere Benjamin, (1994).

A essência do brincar não é um “fazer como só”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comvente em hábito. (...) O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira (p. 102).

Inicialmente existiu algum desconforto atendendo que a massa era pegajosa, no entanto, quando se ambientaram, foram várias as vezes que a fase oral esteve presente nesta atividade. Quando a massa ficou pronta (ver figura 9) o avô distribuiu uma porção

de massa a cada um para que fizessem bolinhas. À medida que as crianças recebiam a massa, foi explicado que poderiam provar. Este episódio acabou por ser automático, “se já havia crianças que tinham colocado a mão na boca, ainda na confeção da massa, agora que esta já se encontrava toda misturada, foi quase como uma satisfação”.

**Figura 9** – Confeção do pão



Foi muito bom ver a curiosidade por parte das crianças ao quererem provar algo que tinham feito e a felicidade do avô por ter proporcionado às crianças uma experiência diferente.

Quando as bolinhas do pão ficaram feitas, o avô levou-as até ao forno e foi explicado às crianças que o pão iria cozer no forno.

*Avô: Agora vamos colocar o pão no ninho quentinho para ele ficar quentinho.*

N.C.4: Creche: 4/11/2017

Quando o pão ficou pronto, o avô deu a provar a cada criança um bocado. A aceitação foi sublime atendendo que as crianças já conheciam o resultado, ou seja, o pão já cozinhado. Os restantes pães foram embrulhados (ver figura10) e enviados para casa.

**Figura 10** – Pães oferecidos aos encarregados de educação



Esta última parte da atividade serviu para mostrar aos encarregados de educação, que os avós também podem ensinar e trazer à escola atividade interessantes, pois

Existem muitos estudos que avaliam a importância da interação, no sistema educacional, entre gerações diferentes, onde idosos e crianças redescobrem-se, desconstróem comportamentos arraigados e voltam a construir novos movimentos que envolvem permanente construção dessa relação (Silva. 2016. p. 619).

Em suma o avô despediu-se da sala com um sorriso no rosto, sentiu que a atividade tinha corrido bem e que de certa forma a sua profissão foi valorizada, não só pelo sorriso nas caras das crianças, como também pela informação que lhe foi transmitida pela sua filha, sobre os imensos elogios que recebeu por parte dos outros pais.

#### **4.2 – Experiências de ensino e aprendizagem desenvolvidas no Jardim de Infância**

Neste ponto serão apresentadas duas Experiências de Ensino e Aprendizagem (EEA) em que ambas se encaminham para dois dos objetivos gerais: *Fomentar encontros intergeracionais, e analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros.*

No decorrer deste ponto iremos verificar que a participação de terceiros foi o ponto fulcral para a dinamização destas atividades. Quando iniciamos a PES nesta instituição, percebemos que ficaria perto de um lar de idosos e poderia ser uma mais-valia para proporcionar encontros intergeracionais. Para a primeira EEA acontecer era necessário investigar a aceitação por parte dos idosos e ter a autorização por parte dos encarregados de educação.

Foi marcada uma reunião de pais onde abordamos a importância das relações intergeracionais, demonstrando os benefícios que as visitas ao lar poderiam ter para as crianças. De acordo com Marques (2001), uma reunião pode ajudar o professor a obter mais informação sobre os alunos, a estimular o apoio dos pais ao trabalho dos professores e ao estudo dos filhos, a desenvolver uma relação de confiança com os pais e a pedir a colaboração dos pais para certas atividades escolares. Com a participação nas reuniões, os pais ficam a compreender melhor o funcionamento da escola e podem comunicar as suas preocupações e sugestões para a melhoria da escola (p. 50). De referir, que todos os pais aceitaram e autorizaram a deslocação. Nesta mesma reunião, foi dado um panfleto informativo (ver anexo 1), onde apresentamos de forma sucinta o que é a intergeracionalidade, em continuidade surgiram ideias voltadas para a participação dos avós em sala de atividades, ideias que aceitaram de bom grado, pois já tínhamos realizado anteriormente e tinham sido um sucesso, por isso decidimos que a segunda EEA seria nessa direção.

Relativamente à aceitação por parte do lar, também foi positiva. A primeira EEA foi um conjunto de atividades de expressão plástica e musical. Por duas vezes se visitou o lar, onde a troca de aprendizagem foi mútua.

Já a segunda EEA esteve centrada na visita de um avô pizzaiolo, voltada sobretudo na gastronomia muito apreciada pelas crianças.

#### **4.2.1 – Encontros intergeracionais**

Como foi referido na reunião de pais, a ideia principal para este projeto seria proporcionar visitas mensais ao lar de idosos que ficava mesmo ao lado do JI. Neste sentido começamos por conversar com as crianças acerca da importância de cuidar dos idosos. No decorrer da conversa foi notório o entusiasmo das crianças.

*Criança: Eu quero ir a esse lar, quero ver a minha avó.*

*Estagiária: A tua avó? Mas a tua avó esta neste lar?*

*C: Acho que sim.*

*E: Então ficarás feliz se a vires*

*C: Sim, posso levar um presente para ela?*

*(outra criança entusiasmada diz)*

*C: porque não fazemos um desenho para as pessoas de lá?*

*E: Boa ideia, como estamos no Natal e o dia de réis já passou, podíamos ir ao lar e cantar uma canção. E sabiam que os reis magos quando visitaram jesus também levaram presentes, então podíamos fazer de reis magos que visitam o lar. O que acham?*

*(todos entusiasmados dizem que sim)*

N.C.1: JI: 10/01/2018

Depois do diálogo, dividimos o grupo em pequenos grupos e iniciamos a construção do suporte de vela (ver figura 11) que foi o presente escolhido para oferecer. Depois em grande grupo fizemos postais, para oferecer em conjunto com a vela.

**Figura 11** – Construção do suporte para a vela



No dia seguinte enquanto esperávamos que a massa da vela secasse, fizemos umas coroas e ensaiamos a canção para apresentar. Da parte da tarde pintamos as velas e embrulhamos (ver figura12). Estávamos prontos para a nossa primeira visita aos nossos novos amigos.

**Figura 12** – Presente de oferta (postal e vela)



Na manhã seguinte quando chegamos ao Jardim de infância (JI) recebemos as crianças e fomos logo questionados acerca da visita, quando é que iria acontecer se iria demorar muito, se os idosos já saberiam da nossa visita. Explicamos que a visita seria da parte da tarde e que tal como eles, os idosos também já sabiam que iriam receber visitas. Foi muito agradável ver a alegria por fazerem algo diferente. Conseguimos concluir que os encontros intergeracionais, na perceção das crianças, possibilitou-lhes uma ampla aprendizagem quanto a aprender a conversar, aprender sobre o ser diferente, mas ao mesmo tempo ser igual, Massi et al., (2012) referem que

As crianças e adolescentes percebem que a convivência com os idosos lhes garantiu possibilidades de aprendizagem. Para elas, a interação com as pessoas idosas fez com que revissem posições estigmatizadas, aprendendo a respeitá-los e a valorizar suas histórias de vida (p. 405).

Queremos com isto dizer que apesar de ser uma visita a pessoas desconhecidas e com uma idade superior às deles não os remeteu para um sentimento de desinteresse, muito pelo contrário.

Na parte da tarde, colocamos as coroas e caminhamos até ao nosso destino (ver figura 13). Quando chegamos, os idosos ficaram felizes e outros mais chorosos.

**Figura 13** – Percurso até ao lar



Os idosos encontravam-se sentados e as crianças foram entrando calmamente, cumprimentaram as pessoas de forma educada e foram caminhando ao seu encontro, enquanto uns ficaram apenas a contemplar o espaço e as pessoas, outros foram mais atrevidos e iniciaram conversas bastante interessantes.

*Criança: porque estás a chorar?*

*Idoso: porque me lembrei dos meus netos, a menina tem mais ou menos a tua idade.*

*C: Como é que ela se chama?*

*I: Catarina, eu gostava muito que ela me viesse visitar.*

*C: e porque não vem?*

*I: Não sei*

*(a criança vai ter com a estagiária e questiona o porquê de a neta não visitar a avó e pergunta porquê, visto que a senhora ficaria feliz se isso acontecesse.)*

N.C.2: JI: 12/01/2018

Observamos que esta visita fez recordar situações familiares aos idosos, que por vezes se sentem sozinhos e que esta visita fez com que houvesse uma alegria diferente. Contudo, com um teor nostálgico, por não ser uma visita dos seus familiares. Queremos acreditar que a visita daquelas crianças melhorou o seu dia, não substitui a visita dos netos, contudo a troca de carinho e atenção foi muito boa.

Depois de alguma conversa entre as crianças e os idosos, as crianças fizeram a sua apresentação, colocaram-se em meia-lua, virados para o seu público e começaram por cantar a música dos reis, ofereceram os presentes, feitos por si para cada um dos idosos

que lá se encontravam. Nesse momento houve troca de afetos (ver figura14). Observamos que algumas crianças ficaram apreensivas com esta troca de carinho, pois achamos que não houve tempo suficiente para serem criados laços. No entanto, percebemos que as próximas visitas poderiam ajudar a proporcionar mais ligação entre os mesmos.

**Figura 14** – Visita das crianças ao lar



Na nossa opinião os idosos sentiram-se mais à vontade para demonstrar afeto do que as crianças em o receber. Queremos com isto dizer que, as crianças ainda não se sentiam preparadas, pois aqueles idosos acabariam por ser pessoas desconhecidas.

Passado uma semana, voltamos a repetir a visita, mas desta vez tínhamos como objetivo que tanto as crianças como os idosos trocassem conhecimento. Assim sendo, as crianças levaram alguns jogos, enquanto os idosos apresentaram e interagiram com jogos mais tradicionais, como por exemplo o dominó e o jogo de cartas.

Nesta visita conseguimos perceber a relevância que as atividades intergeracionais podem oferecer para a melhoria das relações entre crianças e os idosos, “na medida em que os mais jovens percebem que podem valorizar os idosos, reconhecendo-os como mediadores de conhecimentos” (Massi, et al., 2012, p. 405). Enquanto por parte dos idosos, os mesmos puderam perceber que, como refere Massi et al., (2012) “além de terem conhecimentos a serem compartilhados com as gerações mais novas, também podem aprender com as crianças e adolescentes valorizando suas experiências e a maneira com que encaram a vida” (p. 405).

O tempo foi passando, ao longo dos dias as crianças mostravam interesse por repetir a visita. Conversamos com as crianças acerca das atividades que queriam fazer

na próxima vez que os visitassem. Foram surgindo algumas ideias por parte das crianças e a maioria remeteu para partilha de jogos e brinquedos que tínhamos em sala de atividades. Planeamos então uma atividade em grande grupo para escolhermos os jogos e os brinquedos que poderíamos levar na próxima visita.

Quando a visita já estava planeada e organizada informamos as crianças e observamos que estavam motivadas. As crianças quando chegaram ao lar foram mais afetivas e sentiram-se mais à vontade, pois a dinâmica também foi outra. Houve mais tempo para abraços, sentaram-se no colo, perguntaram se estavam com “dodói”, fizeram colares, (ver figura 15), sorriram e acima de tudo aproveitaram o momento para se conhecerem melhor.

Os idosos gostaram muito da visita e no momento da saída, uma idosa agradeceu às crianças e disse que tinha gostado muito e que gostaria de visitá-los também no JI.

**Figura 15** - Interação entre crianças e idosos



Em suma, sentimos que o nosso objetivo foi atingido, para além do desconforto inicial por parte das crianças e da “alguma tristeza”, inicial, por parte dos idosos, sentimos que esta oportunidade foi uma mais-valia para ambos os grupos. Ouve troca de afetos, troca de aprendizagem e acima de tudo achamos que foi um grande contributo para a formação do EU. O tempo vivido foi bom, contudo escasso, acreditamos que se existisse a oportunidade de passarem o resto da tarde com os idosos as crianças não iriam recusar tal proposta. Esta afirmação pode ser baseada numa nota de campo que foi

conseguida quando um idoso ensinava uma criança algumas estratégias no jogo do dominó.

*I: devemos despachar sempre as peças com mais bolinhas!*

*C: Porquê?!*

*I: O objetivo do jogo é ficar sem peças e depois perde aquele que tiver mais bolinhas nas peças, entendes?*

*(neste momento a educadora informa que era hora de regressar à escola.)*

*C: Eu posso ficar aqui, quero acabar de jogar.*

N.C.2: JI: 15/01/2018

Podemos ainda salientar que estas duas visitas ficam gravadas nas recordações das crianças, pois numa segunda-feira, numa partilha em grande grupo sobre o fim-de-semana uma criança partilha com os colegas que fez marmelada com a sua avó. Em consequência dessa partilha surge a ideia de pedir aos encarregados de educação marmelos para que pudéssemos fazer marmelada no JI. Esta atividade foi dinamizada em sala e quando colocamos a marmelada nos frasquinhos para oferecer, as crianças rapidamente alertaram para a possibilidade de oferecer aos novos amigos. Infelizmente o lar não teve disponibilidade de nos receber, contudo a ideia da partilha e o gosto por visitarem novamente o lar ficou registada com sucesso.

#### **4.2.2 – Aprendizagem com o avô**

A EEA surgiu no encontro que tivemos com os encarregados de educação, como já foi mencionada na nota introdutória deste ponto, demos continuidade no JI, partindo sempre da iniciativa das crianças. A rotina das segundas-feiras foi excelente para esta atividade, pois todas as segundas-feiras, na parte da manhã, tínhamos uma atividade em grande grupo, que consistia na partilha de experiências do fim-de-semana. A maioria das crianças passava algum do tempo com os seus avós o que resultava numa participação positiva de vivências e experiências importantes para esta investigação.

Então ao longo dessas partilhas foram aproveitadas ideias do que poderíamos trazer para o JI. Exemplo disso foi a realização da marmelada, atividade que foi mencionada no EEA anterior, contudo, queríamos desenvolver o nosso objetivo de

fomentar encontros entre crianças e avós. Assim uma criança começou por partilhar algo que revelou entusiasmo pelos colegas de sala.

*Criança1: Este fim de semana fiz pizzas com o meu avô, ele tem um restaurante e trouxe o restaurante até minha casa?!*

*Estagiária: Trouxe o restaurante até tua casa, como é que ele fez isso?*

*C1: O meu avô é pizzaiolo...*

*C2: Pizzaiolo (interrompeu o colegas, mas não pronuncia muito bem o termo correto), mas o que é isso?*

*C1: É a pessoa que faz pizzas, então o meu avô saiu do restaurante e veio fazer pizzas a minha casa, eu não comi pizza no restaurante comi pizza na minha casa.*

N.C.3: JI: 18/01/2018

Na continuidade desta partilha, foi visível o entusiasmo por parte dos colegas, pois foi notório o gosto pelas pizzas, assim, pensamos em surpreender não só as crianças com a presença do avô na sala, mas também o neto que iria perceber que afinal o restaurante não iria apenas a casa dele, mas também à sua sala. Entramos em contacto com o EE que rapidamente gostou da ideia, pois já tinha existido uma explicação sobre a possibilidade de realizar dinâmicas idênticas a esta, na reunião de pais. Acertamos os pormenores com o avô que decidiu, por uma questão de tempo, trazer já a massa preparada, apenas traria os ingredientes, para que cada criança fizesse a sua própria pizza.

Salientamos que esta atividade partiu do interesse das crianças, contudo era um elemento surpresa. A atividade decorreu na parte da manhã. As crianças encontravam-se sentadas em grande grupo quando relembramos a conversa que tínhamos tido, no sentido de existir a possibilidade de um senhor dum restaurante vir à nossa sala. As crianças começaram a rir e é então que o avô entra na sala vestido a rigor (ver figura 16) e todos ficaram admirados e curiosos, menos o seu neto que correu imediatamente para o seu braço. Esta ação desencadeou uma atitude repetitiva por parte dos restantes colegas.

**Figura 16** – Chegado do avo à escola



Com tanto entusiasmo tivemos de pedir às crianças para regressarem aos seus lugares e explicar o que iria acontecer. À medida que fomos explicando quem era o nosso visitante, o avô ia colocando os tabuleiros com a massa crua em cima da mesa e os restantes ingredientes. Entretanto demos a palavra ao avô para que também tivesse oportunidade de se apresentar.

*Avô: Olá meninos, eu sou o avô do Tomás, vocês gostam de pizza?*

*Crianças: Sim*

*Avô: E vocês sabem como se chama o senhor que faz as pizzas?*

*Criança 1: Pizaeiro*

*(Risos).*

*A: Eu acho que não é esse o nome, mais alguém sabe?*

*(o neto do avô muito entusiasmado coloca o dedo no ar e sem autorização diz)*

*C: Pizzaiolo*

*Estagiária: Exatamente o Tomas já nos tinha falado.*

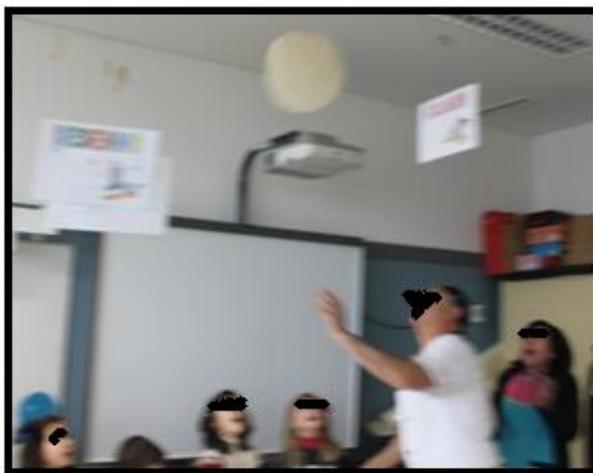
N.C.4: JI: 22/01/2018

Depois de todas as apresentações, demos início à atividade. O avô já trazia porções individuais de massa que começou por distribuir a cada criança, pedindo que não tocassem nela. As crianças ficaram a observar o avô, que começou por explicar que a massa que foi entregue ainda não estava completamente pronta para fazer a pizza.

As crianças alertaram o avô que a massa tinha de ser esticada. Em resultado desta observação o avô atirou a massa ao ar (ver figura 17), tornando assim o momento alto

da atividade, o avô voltou a atirar a massa ao ar a rodopiar, as crianças gostaram e disseram que gostavam de fazer o mesmo.

**Figura 17** – Dinamização da atividade do avô



Nesta atividade conseguimos observar a felicidade não só das crianças como também do avô. A admiração era visível na cara de cada um, por parte das crianças, no sentido que ficaram admiradas pelo manejo do avô com a massa e por parte do avô o entusiasmo que ele conseguiu captar através do seu trabalho.

Conseguimos assim perceber a importância que o JI tem em proporcionar a convivência entre crianças e idosos, num sentido de aproveitar as aprendizagens oferecidas pelas pessoas mais velhas, sendo que a aprendizagem acaba por ser feita em simultâneo, ou seja, a criança aprende porque se encontra nesse processo de desenvolvimento e, o idoso acaba por vivenciar experiências únicas, de aprendizagem. Assim, essa relação idoso/criança tem efeitos positivos para ambas as partes envolvidas.

A relação entre avós e netos no período da infância, segundo Ribeiro, et al., (2010) é controlado pelos pais, principalmente para aqueles que não moram próximos. Para o mesmo autor, nesse período, o relacionamento entre avós e netos pode ser marcado pelo prazer e brincadeiras que ocorrem, sendo que, à medida que os netos crescem, outros significados poderão adquirir relevância (p. 463).

Podemos concluir que a reunião de pais foi um fator importantíssimo para a criação de laços de amizade, ou seja, permitir a relação entre avós e netos depende de fatores externos que podem ou não proporcionar a intergeracionalidade. A responsabilidade e esforço dos pais das crianças em oferecer, ou não, a convivência poderá ser marcada por momentos de brincadeiras juntos.

Para concluir a nossa EEA, o avô conclui a confecção das pizzas e depois explicou às crianças que seria necessário colocar as pizzas no forno. Explicou também que no

restaurante tem um forno grande a lenha, contudo o forno é imóvel e por isso impossibilitava-o de trazê-lo para a sala, mostrando assim um forno mais pequeno que funcionava a eletricidade. (ver figura 18).

**Figura 18** – Colocar as pizzas no forno



Quando as pizzas ficaram prontas as crianças provaram-nas (ver figura 19) e de seguida houve uma troca de afetos (ver figura 20), em forma de agradecimento, iniciada pelo neto do pizzaiolo.

**Figura 19** – As crianças provam as pizzas



**Figura 20** – Troca de afetos entre avô e as crianças



É importante salientar que a criança, neste dia sentiu-se orgulhosa do avô, pois estava constantemente a relatar acontecimentos.

*C: Eu faço isto com o meu avô.*

*C: Quando eu vou para a pizaria com o meu avô ele deixa-me atirar a massa ao ar e deixa por tudo o que eu quero na piza.*

*C: Eu já fiz piza de chocolate com o meu avô.*

N.C.5: JI: 22/01/2018

Em suma, esta atividade foi muito gratificante, atendendo que proporcionamos tanto às crianças como ao avô um dia diferente. Para as crianças que têm contacto com os idosos, essa convivência é relevante, pois como afirmam Ribeiro et al., (2010) “o valor do contacto das crianças com os idosos é irrefutável para o resgate de valores, para a noção de tempo, a transformação ao longo dos anos da identidade parental” (p. 521). O convívio entre as gerações gera benefícios para todas as partes envolvidas.

Esta afirmação tem razão de ser e são facilmente comprovadas no decorrer da atividade quando existe um envolvimento afetivo entre os participantes. Assim sendo, realçamos que no fim da atividade sobrou alguma massa. As crianças rapidamente sugeriram que deveriam fazer uma piza em forma de coração (ver figura 21), para que o avô pudesse levar para casa como presente.

**Figura 21** – Pizza em forma de coração



O avô gostou muito do gesto, mas acabou por sugerir que provássemos a pizza todos em conjunto e as crianças gostaram da ideia. No fim da atividade despedimo-nos do avô e terminamos a manhã a fazer o registo da atividade em que cada criança

desenhou o momento que mais gostou. A maioria desenhou o avô a tirar a piza ao ar e a confeção da piza em forma de coração.

## **5.2 – Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.**

Neste ponto pretendemos, essencialmente, descrever as experiências de ensino e aprendizagem desenvolvidas no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Todas as atividades foram devidamente planeadas, seguindo o plano de estudos que foi a base do trabalho.

Em conversa com a professora titular da turma, organizámos atividades que estivessem de acordo com o nosso projeto e que facilitassem a aprendizagem das crianças.

Inicialmente o nosso foco era abordar sobre as três disciplinas do 1.º, CEB isto é, Português, Matemática e Estudo do Meio, no entanto, optámos apenas por trabalhar o estudo do meio. Aproveitamos que a matéria lecionada seria sobre “itinerários” e “as profissões” e relacionámo-las com o projeto.

Neste ponto iremos apresentar as duas experiências de aprendizagem selecionadas para a PES, às quais designámos como “Itinerário dos avós” e “A minha avó é jornalista”.

### **5.2.1 – Itinerário para casa da minha avó**

Na primeira intervenção desenvolvemos conteúdos sobre os itinerários na área disciplinar do Estudo do Meio. Tentámos planejar a aula de forma a ir ao encontro do nosso tema. Desta forma, abordamos a importância de identificar instituições ou até mesmo lugares que observamos quando percorremos um determinado trajeto. Para iniciar a EEA, pedimos aos alunos que individualmente fechassem os olhos e que verbalmente mencionassem instituições/lugares imponentes que realçava a memória quando pensavam no trajeto escola-casa.

Depois de terminarmos este exercício, questionávamos quais os trajetos que eles poderiam ter memorizado.

*Aluno 1: o trajeto do supermercado*

*A2: O trajeto do campo de futebol*

*A3 O caminho para a escola de música*

*A: O caminho para a minha avó*

*A4: O caminho do trabalho da minha mãe*

N.C.1: 1.ºCEB: 18/04/2018

Aproveitamos os trajetos que remetiam para a família e aprofundamos mais esse tema, questionando os alunos se as visitas aos familiares eram frequentes. Pretendíamos perceber se frequentavam a casa dos avós com assiduidade e quais eram os pontos mais relevantes nesse percurso. Com o decorrer do diálogo fomos nos apercebendo que existiam alunos que não viviam perto dos avós, outros viviam com os mesmos. A maioria frequentava a casa dos avós todos os fins-de-semana e por este motivo conheciam bem o trajeto. Houve outros alunos que mencionaram que usavam o avião como meio de transporte para visitar os avós, porém conheciam parte do trajeto.

*A 1: Eu quando vou visitar a minha avó, passo por um sítio cheio de flores.*

*A 2: Eu quando vou visitar a minha avó não vou de carro, tenho que ir de avião, mas sei o trajeto para o aeroporto, sei que ao chegar ao país onde ela está passo por um parque e por uma padaria que tem um cheiro delicioso.*

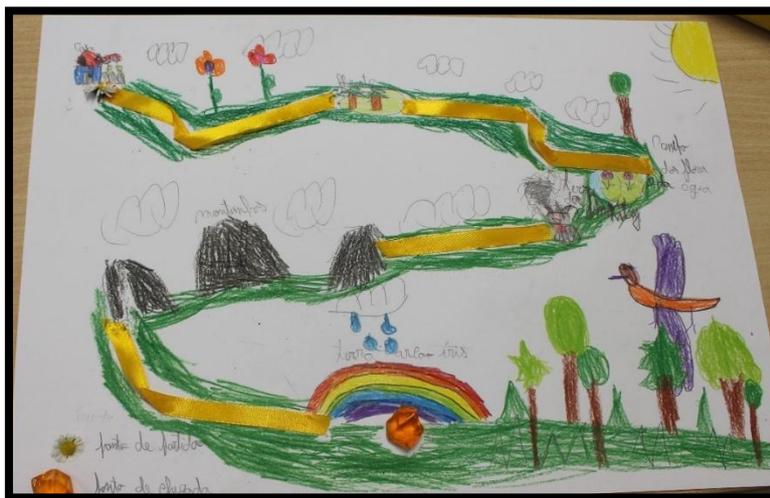
N.C.2: 1.ºCEB: 18/04/2018

Esta partilha desenrolou um diálogo em que a aluna, foi respondendo a algumas questões colocadas pelos seus colegas, tais como: o tempo da viagem; de quantas vezes visitava a sua avó; se tinha muitas saudades. A resposta a esta última pergunta deu-nos oportunidade de relacionar uma matéria que seria dada nas próximas aulas. Aproveitámos a oportunidade e começamos a abordar o tema: meios de comunicação. Iniciámos esta abordagem comparando os meios de comunicação do passado com os atuais, dando mais ênfase à possibilidade e à facilidade de comunicar à distância, algo que nos tempos passados era mais complicado de fazer. A carta escrita foi apontada como um meio de comunicação do passado, poderá eventualmente ser utilizada no presente, porém as videochamadas são comuns na forma de se de comunicar atualmente.

Assim sendo, dialogámos com as crianças, procurando sempre saber opinião delas. Sugerimos viajar até ao passado, mas com um toque do presente, ou seja, usarmos a carta como forma de comunicar, mas num sentido mais real, mais presente. Para a EEA ser possível de realizar, as crianças deveriam se concentrar no trajeto da sua casa até caso dos seus avós, poderia ser os avós maternos ou paternos. Seguidamente demos-lhes uma folha A3, onde puderam desenhar esse mesmo trajeto.

O facto de desenhar seria diferente de uma carta, atendendo que antigamente era usada a escrita, mas os alunos optaram por modernizar as cartas e torná-las mais realistas. O material disponibilizado para esta EEA, foram fitas, colas, lápis de cor, marcadores, entre outras matérias que os alunos achassem pertinentes de usar, como paus de árvores. Apresentamos a seguir um exemplo de uma carta/itinerário (ver figura 22).

**Figura 22** – Elaboração do Itinerário até casa da avó



No decorrer das apresentações tivemos oportunidade de ouvir a partilha por parte dos alunos acerca de pequenas curiosidades dos seus avós. A maioria abordou o facto de que os meios de comunicação facilitam a ligação que têm com os seus familiares, amigos entre outras pessoas com um grau de afeto. Salientaram que a maioria dos avós já têm redes sociais, que por vezes existem conversas nesse meio, por vezes pode surgir a ideia de que uma vídeo chamada não substituiu a presença física, mas tal como Rocha, 2013 afirma,

O uso da tecnologia, a princípio, aparenta substituir o relacionamento humano pela máquina, contudo, avós e netos utilizam essa ferramenta para aproximá-los, ainda que não haja o toque, o afago, o abraço, ou seja, o funcionamento do sistema comunicacional cinestésico, mas ele pode ser compensado por meio da visão e da audição... (p.314.).

Queremos com isto dizer que a distância existiu sempre, então devemos olhar para as novas tecnologias como um ponto positivo aos afetos, razão pela qual devemos valorizá-las, pois é através delas que as relações entre avós e netos, que por vezes moraram longe, continuam a ser assíduas.

### 5.2.1 – As profissões dos avós

A segunda EEA, vem em forma de conclusão da EEA mencionada no ponto anterior. No decorrer da PES, como já foi explicado, havia a necessidade de relacionar os conteúdos ao processo de investigação. Inicialmente falamos sobre os itinerários, posteriormente surgiu a necessidade de falarmos sobre os meios de comunicação, atendendo que a distância por vezes pode dificultar a relação entre avós e netos. Desta forma, abordamos sobre a carta e a internet como formas/soluções de se comunicar à distância.

Primeiramente a atividade começou exatamente por reforçar as aprendizagens que tinham sido trabalhadas nessa EEA. Assim sendo passamos à fase seguinte que era aprofundar outros meios de comunicação. Com o decorrer da aula fomos ao encontro de uma matéria que já tinha sido abordada, que era as profissões.

Este tema surge porque algumas crianças associaram alguns meios de comunicação às profissões.

*A1: a carta é um meio de comunicação e tem de ser enviada nos correios, o carteiro entrega as cartas.*

*A2: a televisão é um meio de comunicação e dentro dela temos várias profissões*

N.C.3: 1.ºCEB: 14/05/2018

Como o decorrer do diálogo, achamos pertinente o facto das crianças relacionarem os meios de comunicação com as profissões. Assim sendo, achamos que seria uma relação interessante com a nossa investigação. Queremos com isto dizer que cada vez mais os avós encontram-se no ativo, tal com afirma Gonçalves (2013), “os avós atuais são pessoas que estão nos meados da vida, envolvidos em actividades profissionais e sociais, que praticam exercícios físicos regularmente e se envolvem no papel de avós com satisfação (p.35). Por esta razão a nossa EEA seria sobre as profissões dos avós. Terminamos a primeira parte da atividade dando um pequeno trabalho para as crianças fazerem em casa, que seria pesquisar informações acerca da profissão de um(a) avô/avó.

A segunda parte da EEA teve início com as apresentações das profissões dos avós. Nestas pequenas apresentações os alunos deveriam dizer qual a profissão e se ainda a desempenhavam. Obtivemos respostas muito interessantes, como por exemplo as

profissões de agricultor, dona de casa, jornalista, bombeiro, professora, polícia, entre outros. Esta partilha resultou de alguma interação entre os alunos e salientaram a avó que era jornalista. Acreditamos que este realce teve ligação ao facto de termos falado acerca dos meios de comunicação, ou seja, a aluna que apresentou a avó, como sendo jornalista, disse que ela em tempos aparecia na televisão, o que despertou curiosidade por parte dos colegas.

*A1: A tua avó deve ter muito trabalho, tem de procurar sempre notícias novas;*

*A2: Eu gostava de ser jornalista para aparecer na televisão.*

N.C.4: 1.ºCEB: 16/05/2018

As várias opiniões foram dadas e foi então lançado o desafio: “Ser jornalista por um dia”. Acreditamos que este desafio foi bem aceite por parte dos alunos porque existe sempre benefícios quando existe a possibilidade de juntar o brincar ao aprender. Brincar ao faz de conta, exerce funções importantes ao desenvolvimento da criança e exercita a sua imaginação. Segundo Góes (2000), “ela brinca daquilo que já vivencia (filha); daquilo que ainda não pode ser (mãe, médica, professora); daquilo que o código social censura (ladrão, bêbado, sequestrador); daquilo que aspira ser (pai, mecânico, astronauta); e assim por diante” (p. 123).

Depois de termos concordado que serão jornalistas por um dia, era necessário fazer um plano de trabalho. Inicialmente os alunos fizeram uma pequena pesquisa, acerca da profissão e perceberam imediatamente que teriam que procurar por notícias.

Com esta EEA, foi possível trabalhar a multidisciplinariedade. Aproveitamos as profissões do conteúdo de estudo do meio e posteriormente foi trabalhado os tipos de texto a português, pois a tarefa seguinte debruçou-se na pesquisa de notícias escritas.

Após a conclusão dessa tarefa, os alunos fizeram uma programação, relacionando assim os conteúdos da matemática, pois tiveram de conciliar as notícias e o tempo disponível da apresentação. Quando este processo ficou terminado, aproveitamos a aula de expressão plástica para que os alunos pudessem criar um cenário que fizesse jus à sua apresentação, pois segundo Góes (2000), “brincar de assumir papéis sociais, a criança cria sequências lúdicas desdobradas em dois tipos de cenário: a) o cenário representado, em que se apoia no uso de objetos disponíveis (...); b) o cenário conjectural, estruturado em situações e personagens (...)” (p.90). A maioria dos grupos fez uma televisão em cartão (ver figura 23), onde decoraram a seu gosto.

**Figura 23** – Televisão feita pela criança



Esta EEA acabou por ser bastante enriquecedora, pois não só conseguimos tirar conclusões para a nossa pesquisa, como um simples tema conseguiu estar presente nas quatro áreas de aprendizagem. A educação multidisciplinar permite que conceitos considerados menos interessantes pelas crianças, sejam abordados em disciplinas que acham mais interessantes. Sempre que o tema era a “avó jornalista” existia sempre uma grande motivação para trabalhar, pois com esta atividade as crianças quase que se sentiram no papel de avó e imaginaram como seria ter esta profissão.

## V – Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste ponto serão apresentadas a descrição, análise e interpretação de dados relativos aos questionários entregues aos encarregados de educação nos contextos da creche, a entrevista semiestruturadas realizadas aos alunos de Jardim de Infância e o questionário entregue aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da investigação/objeto deste relatório.

### 5.1 – Questionário Contexto de Creche

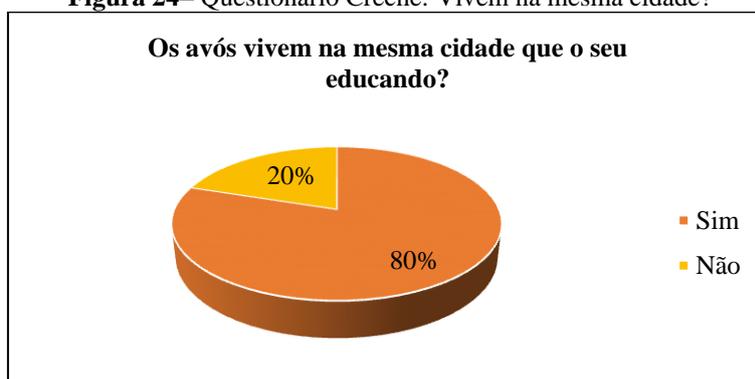
Em contexto de Creche, recorreu-se ao questionário como técnica de recolha de dados, de modo a obter resposta à pergunta de investigação. Com isso, pretendeu-se, principalmente, procurar interagir com os encarregados de educação procurando ter uma opinião sobre o tema. Optamos por um questionário de respostas fechadas, atendendo que a falta de disponibilidade horária por parte dos pais careceu de algo prático e objetivo.

Os questionários foram entregues aos encarregados de educação, no momento de entrega da criança, ou seja, no horário da chegada ou no horário da saída.

Esta ação teve a correspondência de 15 encarregados de educação. Os encarregados participaram de forma positiva. O questionário (ver anexo 1) tinha um total de 10 perguntas, sempre de carácter fechado, dando sempre a possibilidade de acrescentar uma outra opção. As respostas foram apresentadas em gráficos para assim ser mais fácil fazer uma análise. De seguida, apresentam-se os gráficos e as tabelas referentes aos dados de todas as questões do questionário entregue aos EE.

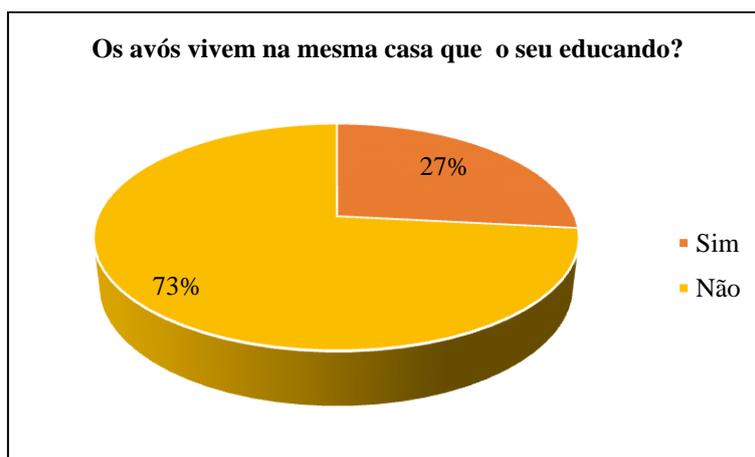
A primeira questão esta direcionada para conseguirmos perceber se a criança vive perto ou longe dos seus avós (ver figura).

**Figura 24–** Questionário Creche: Vivem na mesma cidade?



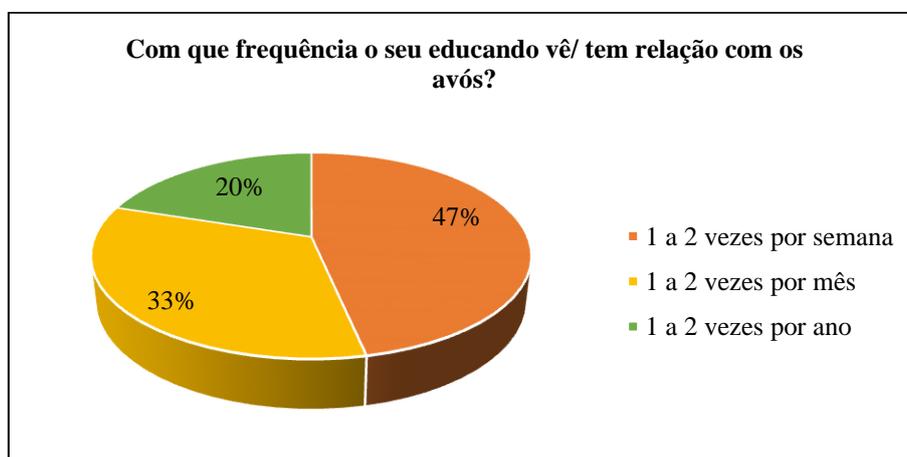
Como podemos observar mais de metade das crianças vivem na mesma cidade do que os avós, ou seja, 80% das crianças têm relação afetiva com os mesmos, contudo sabemos que o facto de viver lado a lado nem sempre é razão para que as pessoas tenham contacto diário. Assim sendo, foi necessário colocar questões de carácter mais pessoal, como podemos ver no Figura 2 que analisa o facto das crianças viverem na mesma casa que os avós.

**Figura 25**– Questionário Creche: Vivem na mesma casa?



À questão “Os avós vivem na mesma casa que o seu educando?” conseguimos perceber que mais de metade das crianças não vivem com os seus avós, sendo que 27% das crianças têm esse contacto diariamente. Contudo, foi necessário perceber se esse contacto, sendo ele diário ou não, traz benefícios ao desenvolvimento da criança. Neste sentido os próximos gráficos demonstram as respostas dos encarregados de educação, mas de uma forma mais específica deixando de existir apenas respostas de sim ou não, dando a possibilidade de dar uma resposta mais quantitativa.

**Figura 26**– Questionário Creche: Frequência de relação avó/neto?



Com esta questão respondida podemos dizer que este grupo de crianças tem relação afetiva com os seus avós por iniciativa, ou seja, não é apenas por viverem na mesma casa, ou até na mesma cidade. 47% tem contacto com os seus avós semanalmente, sendo que apenas 20% vê os avós uma ou duas vezes por ano, sendo que se fizermos relação à questão anterior podemos concluir que esta percentagem se deve ao facto de não estarem na mesma cidade.

Contudo estes 20% não querem dizer que não tenham relação ou troca de aprendizagens, pois como sabemos atualmente com as tecnologias os avós podem estar presentes na vida dos netos e vice-versa.

A próxima questão tem um carácter mais opinativo, no sentido em que coloca os encarregados de educação numa situação mais observadora. Assim sendo questionamos sobre o desenvolvimento que o contacto com os avós acarreta para o desenvolvimento da criança.

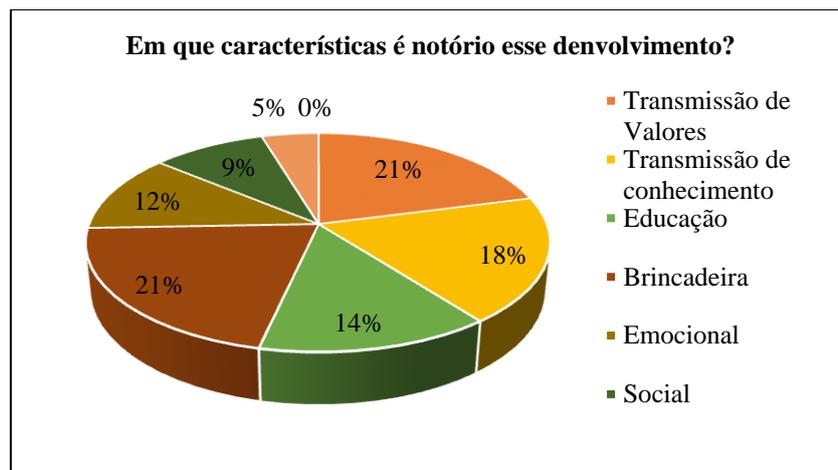
**Figura 27** – Questionário Creche: O contacto com os avós e os seus benefícios



Conseguimos perceber que na opinião dos pais a relação avós-neto tem fatores positivos no desenvolvimento da criança. Como é óbvio as conclusões a que nós chegamos apenas carecem da amostra, contudo os 88% são um fator relevante para podermos afirmar que estes pais beneficiam e aproveitam este contacto para determinadas características no desenvolvimento do seu educando.

Após esta análise, passamos então a uma pergunta mais direta em que os pais indicaram em que sentido esse desenvolvimento caminhava. É importante referir que o questionário era de respostas fechadas, deste modo “limitamos” as opções, contudo salientamos que existia sempre a possibilidade de colocar outra opção que não fosse as que estavam presentes, tendo também a possibilidade de escolher 3 das opções (Figura 5).

**Figura 28** – Questionário Creche: Características desenvolvidas



Nesta ordem de ideias, esta figura acaba por ser a resposta mais interessante neste questionário, pois é através dela que conseguimos perceber se a nossa questão problema acaba por ter fundamento ou não. Assim sendo, as respostas foram diversas, sendo que a maior relevância vai para a opção de “transmissão de valores”. Concluimos que os pais “depositam” esta responsabilidade aos avós. Queremos com isto dizer que na maioria, os encarregados de educação confiam na educação que lhes foi transmitida, ou seja, delegam essa transmissão de valores aos seus progenitores.

Como já referimos na parte teórica, estamos numa época onde o “tempo é escasso” devido ao trabalho e achamos que os encarregados de educação aceitam tudo o que é positivo para o crescimento dos seus educandos. Assim sendo acreditamos que esse é o dos pontos mais importantes, transmitidos dos avós para os netos.

Outra percentagem relevante é a transmissão de conhecimento. No momento do preenchimento do questionário, tivemos oportunidade de trocar algumas ideias com alguns encarregados de educação e conseguimos perceber que eles acreditam que determinada cultura está a perder-se, ou seja, acreditam que os avós são grandes transmissores de histórias e de aprendizagens e que se corre o risco de se perder se não se incentivar a este relacionamento das crianças com os avós. Os pais acreditam que exemplo disso é agricultura. Por estarmos numa localidade mais rural estas preocupações são mais notórias e os encarregados de educação apresentaram uma preocupação acerca do trabalho da terra. Com as novas tecnologias algumas tradições e valores que são essenciais e culturais e se possam perder caso não haja essa transmissão de conhecimento.

Fazemos referência também aos 21% na questão do brincar. Sabemos dessa importância que está consagrada no sétimo dos dez princípios dos Direitos das Crianças, declarados, em 1959, pela Organização das Nações Unidas (ONU): “o direito à educação gratuita e ao lazer infantil”. De acordo com os autores Michael Yogman e Andrew Garner, do estudo *The Power of Play*, publicado na revista *Pediatrics*, (2018) brincar promove as “capacidades socio emocionais, cognitivas, de linguagem e de autorregulação que constroem a função executiva e um cérebro pró-social”. Esta afirmação ganha ainda mais força quando os pais, avós, tios, ou outras crianças, se juntam à brincadeira. Afinal, brincar é mais do que lazer, é uma mais-valia para o desenvolvimento das crianças.

## 5.2 – Entrevista em Contexto de Jardim de infância

Como já foi referido várias vezes ao longo do trabalho, recorreu-se à entrevista semiestruturada como técnica e instrumento de recolha e análise de dados, em contexto de jardim de infância. Este método auxiliou a nossa questão-problema, no sentido de obter respostas do nosso público-alvo, que são as crianças do jardim de infância que tivemos contacto no decorrer da PES. Optámos por colocar algumas questões previamente definidas, de forma a facilitar o diálogo. Nesta fase da investigação podemos contar com a participação das 21 crianças. Recorreu-se a um guião de entrevistas previamente elaborado (ver anexo 2), com alguns tópicos e questões curtas de resposta aberta. As respostas foram registadas em tabelas, tendo sido posteriormente analisadas.

A entrevista semiestruturada decorreu individualmente e teve como primeira pergunta, questionar as crianças acerca da idade de um idoso. Conseguimos perceber através da tabela 4 que a criança, talvez pela idade, não tem ainda noção de idade das pessoas. Assim, a maioria respondeu que um idoso é uma pessoa com mais de 55 anos.

**Tabela 4** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à primeira questão

<i>A partir de que idade consideras uma pessoa idosa?</i>	
+ 55	13
+ 65	2
+ 75	6

A segunda questão remeteu as crianças a refletirem acerca das características em que uma criança se baseia para achar que uma pessoa é idosa ou não. 18 das 21 crianças responderam que é através da cara, ou seja, o aspecto físico é valorizado, como sendo um fator de velhice (ver tabelas 5).

**Tabela 5** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à primeira questão

<b><i>Quais os fatores que te levam a considerarem uma pessoa idosa?</i></b>	
Idade	0
Ter rugas (aspecto físico)	18
Andar de muletas (mobilidade)	3
Estar em casa (ser reformado)	0

No decorrer da entrevista, a terceira questão (ver tabela 6), serviu para perceber qual a opinião das crianças acerca da importância que uma pessoa idosa tem na sociedade. Nesta questão as crianças concordaram que são pessoas úteis e que gostam muito de passar tempo com elas, pois identificam e relacionam os idosos com os seus avós

**Tabela 6** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à terceira questão

<b><i>No teu ponto de vista qual a importância de um idoso na sociedade?</i></b>	
Dispensáveis, são chatos	0
Úteis, porque têm muito conhecimento	21
É indiferente	0

A quarta questão centrava-se numa análise mais cognitiva, ou seja, as crianças acham uma pessoa velha pelo seu aspeto. Mas qual a visão que a criança tem relativamente aos idosos num sentido mais emocional. Desta forma conseguimos analisar na tabela 7, que as crianças apresentam respostas positivas, dando maior ênfase para a resposta *Pessoas Inteligente*. É notório que a maioria destas crianças vê os idosos como sendo pessoas portadoras de inteligência.

**Tabela 7** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à quarta questão

<i>Para ti as pessoas mais velhas são...</i>	
Pessoas inteligentes	8
Resmungonas	2
Pessoas agradáveis	3
Isoladas	2
Doentes	1
Inúteis	4
São importantes	1

Na entrevista precisávamos de analisar se a convivência com os idosos era algo recorrente e podemos comprovar que na tabela 8, 19 as crianças convivem com pessoas mais velhas.

**Tabela 8** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à quinta questão

<i>Costumas conviver com idosos?</i>	
Sim	19
Não	2

No que diz respeito à convivência precisávamos de saber se essa relação era feita com os avós. 17 das crianças disseram que sim, apenas 4 não tem esse tipo de interação. Contudo em relação à questão anterior conseguimos perceber que duas crianças não têm relação com os avós, porém a interação com idosos existe, o que é um ponto bastante positivo, pois este grupo não deve estar cingido apenas aos avós (ver tabela 9).

**Tabela 9** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à sexta questão

<i>Tens relação com os teus avós?</i>	
Sim	17
Não	4

Numa questão mais pessoal as 21 crianças foram interrogadas sobre o gosto de passar tempo com avós. 17 crianças afirmaram que gostavam enquanto 4 disseram que não. Esta resposta também se deveu ao facto de algumas crianças já não terem avós.

**Tabela 10** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à sétima questão

<b><i>Gostas de passar tempo com os teus avós?</i></b>	
Sim	4
Não	17

Em suma, a última questão estava relacionada com a questão anterior e remeteu-se para as atividades que faziam com os seus avós, salientamos a respostas como *brincar* e *passar*.

**Tabela 11** – Entrevista ao JI: Contagem das respostas referentes à oitava questão

<b><i>O que fazes quando estas com os teus avós?</i></b>	
Brinco	7
Cozinho	3
Oiço histórias	1
Estudo	2
Passeio	6

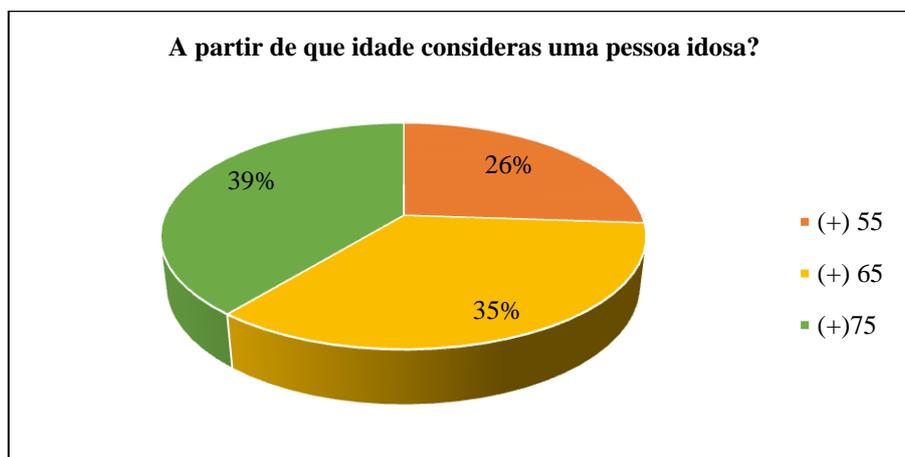
Os resultados apontam, no geral, para uma imagem positiva no que diz respeito à visão das crianças para com os idosos. Num país envelhecido, em que os idosos são cada vez mais em relação aos mais novos (Censos de 2021). O Instituto Nacional de estatística prevê que entre 2018 e 2080, de acordo com o cenário central de projeção: o índice de envelhecimento em Portugal quase duplicará, passando de 159 para 300 idosos por cada 100 jovens (INE acedido a 15 de agosto de 2022). É necessário perceber de que forma as crianças e jovens veem a velhice. É no seio familiar que a criança inicia a construção da imagem acerca do idoso, podendo ser negativa ou positiva segundo a integração intergeracional estabelecida. A relação das crianças com os avós tem sido uma prática mais frequente, consequência do aumento da esperança média de vida dos idosos. De realçar que a escola poderá ser também portador de novas experiências, no sentido em que pode proporcionar encontros intergeracionais.

### 5.3 – Questionário em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico

A terceira e última fase da investigação decorreu em contexto de 1.º CEB. Entregamos aos 26 alunos um questionário como técnica de recolha de dados, de modo a obter resposta à pergunta de investigação. Com isso, pretendeu-se, principalmente, procurar interagir com as crianças procurando ter uma opinião acerca do tema. Optamos por um questionário de respostas fechadas, para ser algo mais prático, como são alunos do 2.º ano e já têm autonomia para ler.

As primeiras perguntas do questionário realizado aos alunos, tinham como intuito perceber a forma como os mesmos caracterizam os idosos, sendo por isso relevante saber a partir de que idade os inquiridos consideram que uma pessoa entraria nessa faixa etária.

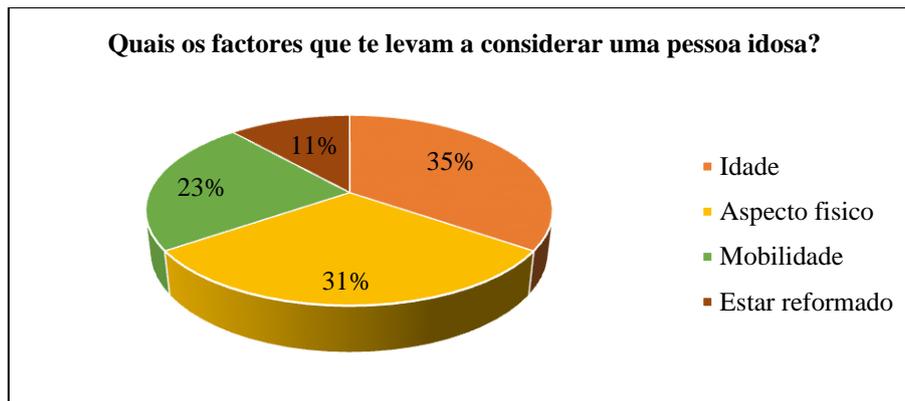
**Figura 29**– Questionário 1.º CEB: idade de uma pessoa idosa



Como podemos observar, é notório que para os alunos do 2.º ano um indivíduo é considerado idoso quando tem mais de 75 anos de idade, queremos acreditar que estas opiniões vão ao encontro da definição que a criança tem de idoso associando esse termo a um algarismo de maior valor.

De seguida foram questionados sobre os diversos fatores que poderão estar na origem da identificação de uma pessoa mais velha, tendo sido solicitado que entre as opções apresentadas os alunos selecionassem duas.

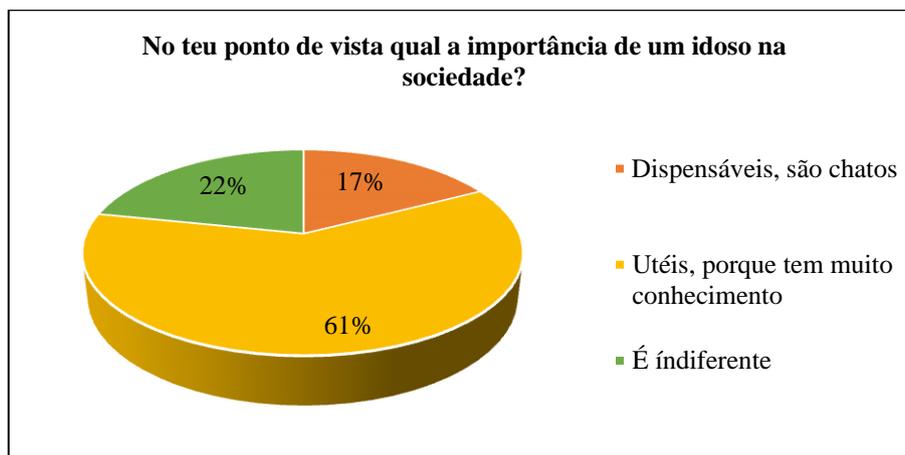
**Figura 30** – Questionário 1.º CEB: características de um idoso



A maioria indicou a idade e o aspeto físico como sendo as características mais notórias, sendo que a mobilidade também foi referida como principal fator. Podemos considerar estas opções como sendo as características mais visíveis e mais fáceis de identificar.

Considerou-se importante saber qual era a perspetiva dos alunos quanto ao modo como pensam que os idosos são encarados pela sociedade e, assim, entender se existe algum estereótipo relacionado com o facto dos idosos apenas serem um peso para a sociedade, desvalorizando as suas potencialidades ou, se pelo contrário, são considerados como úteis, valorizando as suas experiências e conhecimentos.

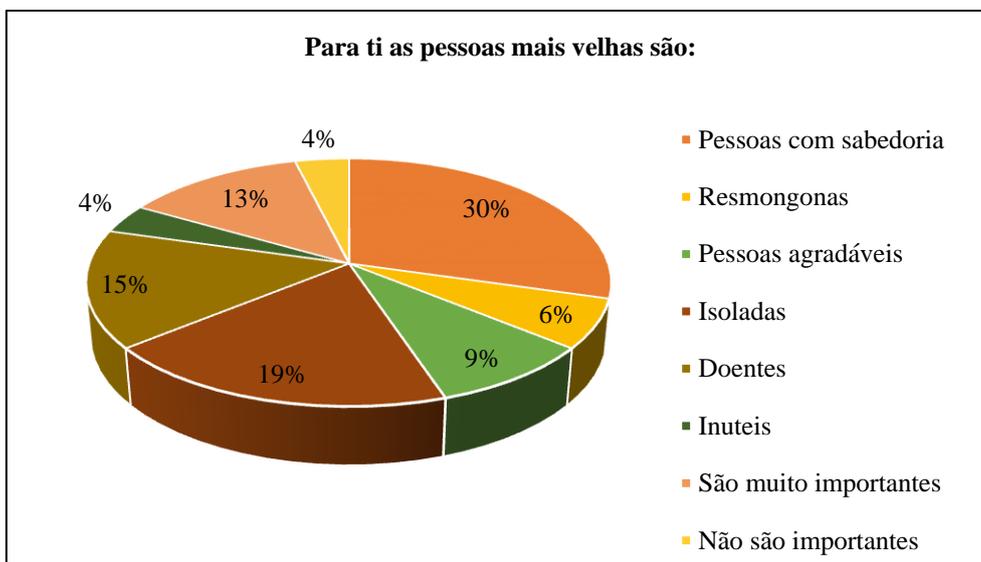
**Figura 31**– Questionário 1.º CEB: Importância dos idosos na sociedade



Deste modo, foi possível perceber junto dos alunos, que a sociedade encara os idosos como úteis, porque têm muitos conhecimentos e experiência, conforme se pode verificar através da figura 8. Contudo, não se pode deixar de referir que 17% dos alunos, apontam que a sociedade olha para os idosos de forma dispensável, porque estão ultrapassados. Esta percentagem pode ir ao encontro de alunos que não tenham relação

com esta faixa etária com o intuito de conhecer de que forma as crianças caracterizam emocionalmente e socialmente as pessoas mais velhas. Foram questionadas sobre como são os mais velhos, desta forma foi solicitado que entre as opções apresentadas os alunos selecionassem três.

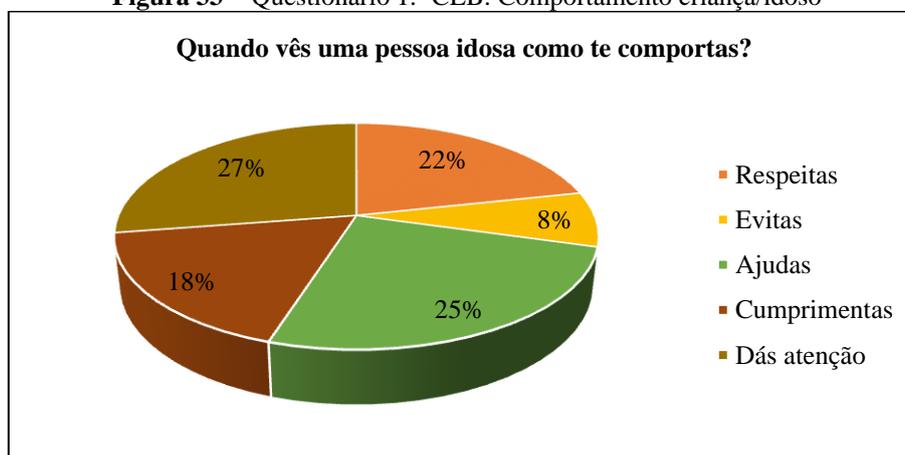
**Figura 32**– Questionário 1.º CEB: Como são os idosos



Os idosos foram descritos como pessoas com sabedoria e devem ser respeitadas, de convivência agradável, como sendo alegres e muito importantes. No entanto, realçamos também que as crianças vêem os idosos com uma sensibilidade as doenças, tornando-as assim em pessoas mais frágeis.

De seguida, quisemos saber quais são os comportamentos das crianças perante uma pessoa idosa, tendo sido solicitado que entre as opções apresentadas os alunos selecionassem duas.

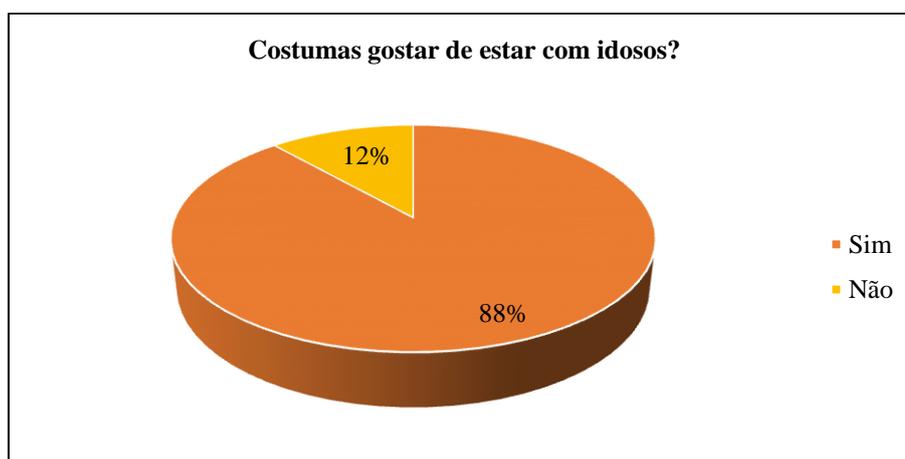
**Figura 33** – Questionário 1.º CEB: Comportamento criança/idoso



Através da observação do podemos concluir que os alunos do 2.º ano, adotam uma postura positiva em relação aos idosos, uma vez que declaram respeitar, cumprimentar e dar atenção às pessoas mais velhas.

Para se promoverem as relações intergeracionais é importante saber se os alunos gostam de estar com os mais velhos, se costumam estar com idosos, se concordam, ou não, com o facto dos mais velhos conviverem com as crianças/jovens, se concordam que as relações intergeracionais podem trazer benefícios para as duas gerações e se esta relação pode ajudar no combate ao isolamento dos mais velhos. É relevante também saber se os alunos pensam que os idosos quando transmitem os seus conhecimentos podem contribuir para que estes repensem as suas experiências passadas, e quais são então as atividades que gostariam de desenvolver com os mais velhos.

**Figura 34** – Questionário 1.º CEB: Relação criança/idoso



Se analisarmos figura 11, conseguimos responder a duas questões: primeiro que as crianças gostam de estar com idosos, pois 88% respondeu positivamente à questão e, desta forma, estes alunos gostam de estar com pessoas mais velhas.

Os alunos foram ainda questionados sobre o tempo que estão com os idosos, se existe a possibilidade de haver uma aprendizagem mútua.

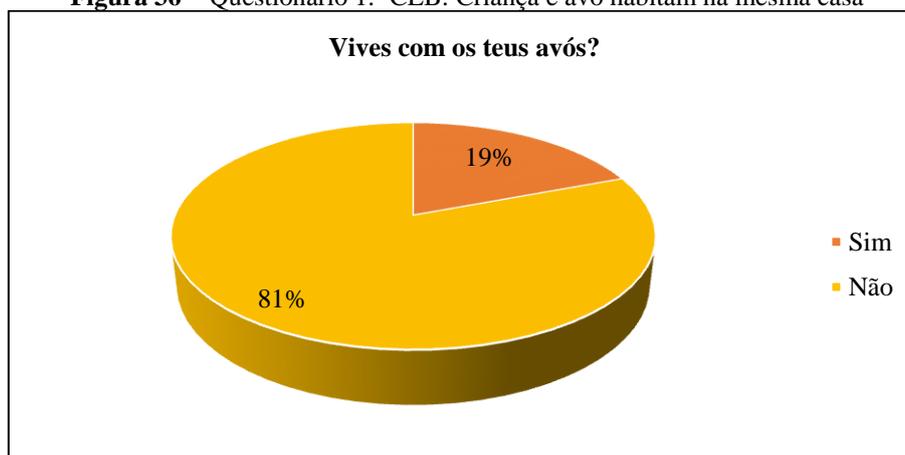
**Figura 35** – Questionário 1.º CEB: relação idoso/criança



Ao analisarmos figura 12, concluímos que quase todos os alunos consideram que quando estão com as pessoas mais velhas podem aprender com elas, contudo eles acham que também são portadores de aprendizagem, havendo assim uma aprendizagem mútua.

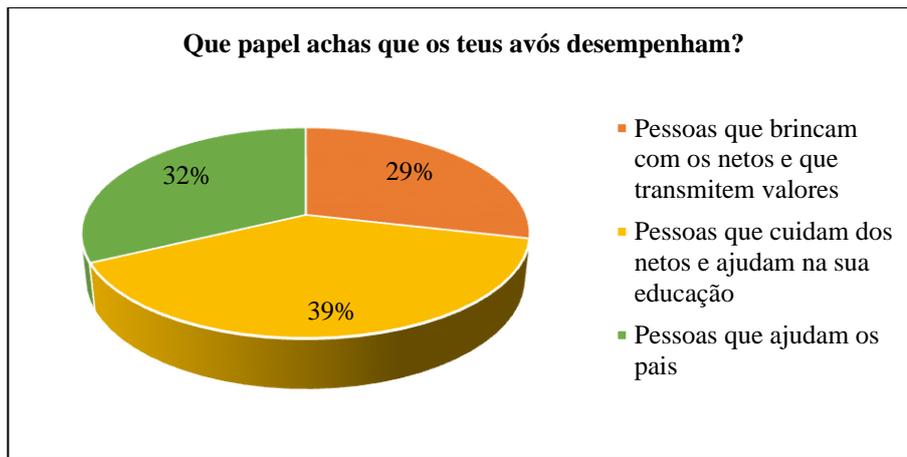
Neste sentido os próximos gráficos, apresentam os resultados de questões mais dedicadas ao pessoal, ou seja, da relação entre o aluno e os seus avós.

**Figura 36** – Questionário 1.º CEB: Criança e avó habitam na mesma casa



Através da análise da figura 13, podemos constatar que a maioria dos alunos não vive com os seus avós, embora se verifique, que uma pequena percentagem de educandos tem essa convivência diária. A última pergunta referente aos avós dizia respeito ao papel que estes desempenham de uma forma geral.

**Figura 37** – Questionário 1.º CEB: Que papéis desempenham os avós



Nesta questão os alunos apontam que os avós são pessoas que cuidam dos netos e ajudam na sua educação e pessoas que brincam com os netos e lhes transmitem valores.

Em suma o prolongamento da esperança média de vida, aliado a uma melhoria de qualidade de vida de que a terceira idade beneficia, faz hoje dos idosos (pais e avós), novos protagonistas da família contemporânea. Os resultados obtidos neste estudo permitem destacar a visão que as crianças têm dos mais velhos, salientando o envelhecimento positivo, que se centra na possibilidade de vivências que as crianças podem usufruir com esta faixa etária. As relações intergeracionais são uma fonte de prazer entre avós e netos, considerando que exista uma qualidade de interações que se refletirá no bem-estar dos netos, pelo que a conservação destas relações/vivências podem e devem ser cada vez mais reforçadas.

Todo este processo foi dinamizado e analisado apenas com uma pequena amostra das crianças dos contextos da PES.

## Considerações Finais

As experiências de ensino e aprendizagem realizadas nos três contextos educativos, ou seja, na Creche, na Educação Pré-escolar (EPE) e no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) foram essenciais a esta investigação e tornaram-se fundamentais no processo desenvolvido durante a PES.

No decorrer da nossa PES, nos três contextos educativos, foram diversos os momentos e as vivências que nos fizeram refletir acerca do futuro enquanto futuros professores/educadores. Fomos personagens observadoras que fez com que conseguíssemos, posteriormente adotar uma postura investigativa e, acima de tudo, reflexiva em relação às nossas práticas, com o objetivo de intervirmos e termos uma participação bem fundamentada.

Foi muito gratificante vivenciar este leque de atividades onde tivemos oportunidade de oferecer aos 3 grupos de crianças com quem trabalhamos, momentos/memórias, aprendizagens importantes para o seu crescimento. A memória tem um papel fundamental na aprendizagem, pois permite o reaproveitamento das experiências e ajuda a garantir a continuidade da aprendizagem.

Este tempo que dedicamos às nossas práticas educativas, fez-nos ter ainda mais respeito pelo trabalho de educador/professor. Acreditamos que estas experiências nos possibilitaram uma perceção do dia-a-dia, demonstrando-nos uma realidade que possivelmente poderemos viver num futuro próximo.

Uma vez realizada esta investigação, onde apresentamos atividades envolvendo momentos de convivências entre crianças e idosos, recolha e análise dados, concluímos que o processo intergeracional possibilita às crianças uma nova visão da pessoa idosa como fonte de sabedoria e, principalmente, de experiência.

Relativamente à investigação que iniciamos foi possível responder à questão-problema do nosso estudo: *Como é que as práticas educativas na Creche/Jardim de Infância (J.I.) e 1.ºCiclo do Ensino Básico (CEB) podem proporcionar uma relação Intergeracional que beneficie o desenvolvimento das crianças.*

Para responder a esta questão foi necessário delinear objetivos, com um olhar crítico sobre o alcance dos mesmos. Deste modo, tivemos como primeiro objetivo: *Fomentar encontros intergeracionais.* Este objetivo foi conseguido com sucesso, pois em todos os contextos oferecemos às crianças pelo menos um encontro/aprendizagem com uma pessoa mais velha, ou seja, demos oportunidade de a criança ter um encontro

com uma pessoa idosa. Na creche oferecemos essa experiência com a visita da avó que levou o tapete e que fez pão. No jardim de infância visitamos um lar de idosos e no 1.º ciclo do ensino básico tivemos a visita de uma avó jornalista. Mas mais importante também foi a envolvimento com toda a instituição e com a valorização da intergeracionalidade nas instituições educativas por onde passámos, pois, as outras educadoras e professoras das outras salas também passaram a convidar pais e avós a estarem mais presentes no dia a dia da criança na sua sala.

No que diz respeito ao segundo objetivo: *Analisar as sensações/emoções existentes nesses encontros*; podemos comprovar nas expressões faciais e nos relatos pessoais que essas mesmas vivências, trouxeram alegria e emoção às crianças. Os nossos registos fotográficos e as notas de campo são prova que esses encontros foram entusiasmantes e enriquecedores ao desenvolvimento de cada um, pois a interajuda esteve sempre presente, trabalhando assim valores como a interajuda, a empatia, o respeito entre outros. O terceiro objetivo refere-se à ação de *Verificar o tipo de relação entre idosos/avós e crianças*; concluímos através dos métodos de pesquisa que essa relação está presente e na sua maioria até é algo recorrente. Por esta razão podemos afirmar que a nossa amostra faz-nos tirar conclusões positivas acerca da investigação que fizemos, contudo, o facto onde as crianças estão inseridas poderá ter influência nos resultados.

Por fim o último objetivo era *investigar os benefícios existentes no contacto com os idosos/avó*. Neste sentido todas as nossas práticas resultaram de benefícios tanto cognitivos como sociais, emocionais, prova disso foram os resultados descritos ao longo do nosso trabalho. O estudo demonstrou os benefícios que o conhecimento da geração mais velha proporciona às crianças que sentem na figura do idoso/avô uma pessoa de confiança que, além dos benefícios afetivos, provoca respeito e valorização pela sua condição de vida e possibilita às crianças uma melhor adaptação ao mundo das relações humanas. Conforme menciona Vygotsky (1991) citado em Capuzzo (2012).

O sujeito em interação aprende com os membros mais experientes da cultura, internaliza mediadores simbólicos, apropria-se da linguagem desenvolvendo, assim, as funções mentais superiores. Esse processo de aprendizagem permanece durante toda a existência humana, do nascimento até a morte, desde que o sujeito permaneça em constante interação com aqueles mais experientes (pp. 25 e 26).

O presente trabalho resultou de uma proposta intergeracional, possibilitando a ausência de preconceitos e a abertura para novos conhecimentos, ou seja, na nossa opinião a sociedade relativiza a possibilidade de aprendizagens entre estes dois grupos. Contudo esquecem-se que a transmissão de valores humanos, entre outros, pode ser transmitida através de ações intergeracionais e a escola tem um importante papel a desenvolver neste assunto. A interatividade entre idosos e crianças como forma pedagógica só traz vantagens aos envolvidos, proporcionando maior troca de vivências e de experiências variadas para a construção de novos conhecimentos. Esta afirmação é sustentada tanto pelas atividades apresentadas, como pelos resultados adquiridos. Queremos com isto dizer que ao longo desta pesquisa as ações que dinamizámos nunca foram vistas de forma negativa por parte das crianças. Estas por sua vez até sentiam mais prazer e eram mais dinâmicas quando valorizávamos uma aprendizagem transmitida por um familiar (avó/avô).

Em suma é necessário que a escola perceba, como referem (Tortella 2014) “a longevidade humana como um fenómeno aplicável na obtenção de recursos viáveis e úteis dentro do sistema educacional infantil, proporcionando uma mudança do conceito e a valorização daqueles que apresentam fontes riquíssimas de sabedoria e experiência de vida” (p. 102).

Os educadores/professores devem proporcionar às crianças atividades mais voltadas para a formação integral das crianças, trazendo ou levando os alunos a realidades e experiências concretas de convivências e aprendizagens. Como futura educadora/professora considero que tudo o que rodeia a criança, as experiências que a criança vivencia, as várias áreas de conteúdo, as pessoas e a comunidade em que se encontra inserida, tudo isto contribui para as bases do seu desenvolvimento e que coincidem na sua formação pessoal e social, assim sendo, a temática abordada, nesta investigação foi desenvolvida com o intuito de possibilitar às crianças experiências e momentos únicos de aprendizagem e partilha.

Em pleno século XXI a estrutura familiar já não é a mesma do século passado, atendendo que as sociedades são dinâmicas, deste modo, esta investigação poderá gerar novas questões, havendo não só a necessidade de atualizar, como também de aprofundar o tema. Não obstante, é evidente que vivemos numa era digital, sabendo que os avós estão cada vez mais ligados às tecnologias de informação, entendemos que a internet poderia ser aproveitada no que toca à participação dos idosos na educação das crianças. Assim, quais serão as actividades lúdicas que os idosos poderão proporcionar às

crianças na era digital? Como serão as relações intergeracionais e quais os valores que serão transmitidos aos pequenos através das pessoas mais velhas?

Esperamos que desta forma este trabalho contribua para a compreensão dos benefícios que a intergeracionalidade tem para a educação.

## Referências Bibliográficas

- Aboim, Sofia, (2006) - *Conjugalidades em Mudança*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Alarcão, M. (2006) - *(Des) Equilíbrios familiares: uma revisão sistémica*. Quarteto Editora.
- António, S. (2010) - *Avós e Netos: Relações Intergeracionais. A Matriliniaridade dos afectos*. Instituto Politécnico de Setúbal.
- Aratangy, L. R., & L. Posternak (2010) - *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?*. Primavera Editorial.
- Araújo, Mayeve R., DIAS, Cristina M. (2002) - *Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais*. Estudos de Psicologia. Vol.7, nº 1 p. 91-101.
- Ariés, P. (1988) - *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Relógio d'Água.
- Áries, P. (1986) - *História social da criança e da família (2ª ed.)*. Guanabara.
- Azambuja, Rosa; Rabinovich, Elaine (2017) - *A convivência com os avós: Um estudo exploratório na perspectiva das crianças*. Research, Society and Development, vol.5, nº1.
- Azevedo, O. (2015). *Chegou a hora do recreio! O recreio: espaço de construção de culturas da infância*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização em Associativismo e Animação Sociocultural. Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Bernard, Miriam, et.al. (2001) - *Continuity and Change in the Family and Community Life of Older People*. Journal of Applied Gerontology. Vol.20, nº3 p.259-278
- Boff, L. (1999) - *Saber cuidar: ética do humano, Compaixão pela Terra*. Vozes.
- Camilo, H. (2014) - *As possibilidades de atuação da educação física na educação de jovens e adultos para a relação intergeracional na educação em direitos humanos*. Motrivivência, 26 (43), 245–261
- Capuzzo, Denise de Barros (2012) - *Elementos para a Educação de Pessoas Velhas*. Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

- Cardoso, A. R. (2011) - *Avós no século XXI*. Juruá.
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. D. (2014) - *Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?* Psico USF, 19 (3), pp.433-441.
- Cardoso, Vanessa S. (2010) - *Os avós e a concessão de guarda judicial de netos na perspectiva do ciclo de vida familiar*. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília
- Cherlin, A., & Furstenberg, F. (1992) - *The New American Grandparent: A Place in the Family, a Life Apart*.
- Costa, Rosalina (2016) - *Família e Famílias no Portugal Contemporâneo. Discursos, trama e textura em perspectiva sociológica*, Eborensia, nº50,
- Costa, Rosalina P. (2012) - *Pais e Filhos, Avós e Netos: Notas sobre Envelhecimento Positivo e Qualidade de Vida em Cidades de Média Dimensão*. Évora: Centro de estudos da população, economia e sociedade
- Costa, Rosalina. (2011) - *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea, tese de Doutoramento em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral*, ICS-UL.
- Cruz, O. (2005) - *Parentalidade*. Quarteto
- Cunha, N. H. S. (1994) - *Brinquedoteca um mergulho no brincar*. (2a ed.) Maltese
- De Singly, François (1993) - *Sociologie de la famille contemporaine*, Nathan.
- Dias, Maria (2011) - *Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: o processo de comunicação no sistema familiar*, *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156
- Dias, C. M. (2002) - *A influência dos avós nas dimensões familiar e social*. Revista Symposium, 6 (1/2), p.34-38
- Dias, Maria. (2000) - *A família numa sociedade em mudança problemas e influências* *Gestão e desenvolvimento*, nº 9, p.81-102.
- BENJAMIN, W. O surrealismo (1994) - *O último instantâneo da inteligência europeia* - 7. Ed Brasiliense.

- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. (1973) - *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994) - *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bondioli, A. (org.) (2004) - *O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos*. Cortez Editora.
- Durkheim, Emile (2007) - *Educação e sociologia*. Edições 70
- Durão, Mário C. (2012) - *Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado;
- Dutra, H. M. (2008) - *O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina.
- Drucker, Peter (2000) - *O futuro já chegou*. Revista Exame, v. 22, n. 03.
- Ferland, Francine (2006) - *Os avós nos dias de hoje: Prazeres e armadilhas*. Climepsi
- Fernandes, A. T. (1994) - “*Relações familiares, transformações demográficas e solidariedades intergeracionais*”, in Forum Sociológico, nº 4, p.45-58
- Ferrand, Michèle. 2001 - “*Famílias e educação dos filhos na França*”. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, 2 (3), p. 181-197
- FREIRE, P. (1998) - *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra.
- Ferrigno, José C (2006) - *A co-educação entre gerações*. Revista brasileira de educação física e esporte, Vol.20, p.67-69.
- Figueiredo, Liliana; Cerqueira, Margarida (2004) - *Envelhecer em família: cuidados familiares na família*. Âmbar editora.
- Gonçalves, M. M. (2012) - *Educação, Trabalho e Família*. Fundação Calouste Gulbenkian.

- GÓES, M.C.R (2000) - *A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev S. Vigotski e Pierre Janet*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 21, n. 71, p. 116-131.
- Henri e Lauwe, (1965) - *A evolução contemporânea da família: estruturas, funções, necessidades*, *Análise social*, vol.3, nº12
- Instituto Nacional de Estatística (2013) - *Família nos Censos 2011: Diversidade e Mudança*, em linha
- Jorge, Helena; Lind Wolfgang (2015) - *Segurar a família pelas pontas: Os dilemas dos avós cuidadores a tempo inteiro*. *Psychologica*, vol.58, nº1
- Kennedy, G. E. (1992) - *Quality in grandparent-grandchild relationships*. *International Journal of Aging and Human Development*, 35 (2), p.83-98
- Kipper, C. D. & Lopes, R. S. (2006) - *O tornar-se avó no processo de individualização*. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 22 (1), p. 29-34
- Leandro, Ana; Leandro Maria (2005) - *Transmissão de valores no seio da família. Persistências e mudanças*. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia
- Leandro, Maria (2006) - *Transformações da Família na História do Ocidente*, *Theologica*, 2ª série, 41, 1, p. 51-74
- LEITE, Maria Isabel (2003) - *Crianças, velhos e museu: memória e descoberta*. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 74-85, jan./abr.
- Lisboa, Ana; Miguel, Daniela; Cabral, Flávia (2018) - *Como percebem os netos a qualidade da relação com os avós*, *Revista eletrónica de Educação e Psicologia* vol. 9.
- Marchão, A. (1997) - *Formação Inicial de Educadores de Infância e Desempenho Profissional na Creche. Um estudo de caso*. Universidade de Aveiro (Dissertação de Mestrado).
- Marques, R. (2001) - *Professores, Famílias e Projecto Educativo*. Edições ASA

- MINAYO, M. C. S. (2006) - O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. Revista e aprimorada. Hucitec.
- Miranda, Fernando (2012) - *A mudança do paradigma económico, a Revolução Industrial e a positivação do Direito do Trabalho*. Revista Eletrônica Direito, v. 3, n. 1, p.1-24.
- Moresi, E. (2003) - *Metodologia de Pesquisa. Programa de Pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação*. Universidade Católica.
- Massi G, Lourenço RCC, Lima RRL, Xavier CRP (2012) - *Práticas intergeracionais e linguageiras no processo de envelhecimento ativo*. In: Berberian AP, Santana AP. Fonoaudiologia em contextos grupais: referenciais teóricos e práticos. Plexus editora.
- Morais, Catarina Moura da Silva Argüelles (2016) - *A Organização do Tempo em Educação de Infância - A adequação da rotina às necessidades e interesses das crianças*. Relatório de Projeto de Investigação Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Setúbal
- Motta, A. (2004) - *Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional*. Família, geração e cultura, pp. 109-144.
- Nunes, Cátia (2014) - *Transformações familiares recentes: uma perspetiva territorial*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística e Imprensa de Ciências Sociais
- Nunes, L. (2009) - *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Universidade de Coimbra.
- Oliveira, Alessandra (2009) - *Avosidade: Visão das avós e de seus netos*, Dissertação de Mestrado em Gerontologia.
- Oliveira, Barros (2010) - *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. 4ª ed. Porto: Lélia editora
- Oliveira, Cristina (2011) - *Relações Intergeracionais: Um estudo na área de Lisboa*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Dissertação de Mestrado;

- Oliveira, Gabriela (2012) - *Avós precisam-se - A importância dos laços entre avós e netos*, Arte Plural edições
- Oliveira-Formosinho, J., e Araújo, S. (2008) - *Escutar as vozes das crianças como meio de re(construção) de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas*. In Oliveira-Formosinho, J. (Org.). *A escola vista pelas crianças*. (Vol. 12, pp. 11-29). Porto Editora: Porto.
- Park, Keong-Suk [et al.] - *Diversity and Structure of Intergenerational Relationships: Elderly Parent-Adult Child Relations in Korea*. *Journal of CrossCultural Gerontology*. ISSN 0169-3816. Vol.20, nº 4 (2005), p. 285-305
- Parsons, Talcott and Bales, Robert (2007) - *Family socialization and Interaction Process*, Glencoe, Free Press.
- Pedrosa, A. S. (2006) - *Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.
- Perosini, Gladison (2017) - *A revolução industrial e a sua influência na reestruturação da vida familiar*, *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 03.
- Pimentel, Luisa Gaspar; Albuquerque, Cristina Pinto (2010) - *Solidariedades familiares e o apoio a idosos. Limites e implicações*. Universidade de Coimbra.
- Pinto, Isabel Ferraz; Gomes, Claudinei José Campos; Siqueira, Cibele (2018) - *Investigação Qualitativa: Perspetiva Geral e Importância para as Ciências da Nutrição*. Unidade Local de Saúde, Serviço de Nutrição e Alimentação.
- Pires, Maria F (2010) - *Presença e papel dos avós – estudo de caso*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Formação pessoal e Social. Universidade de Aveiro.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003) - *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, R. (1992) - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Publicações Gradiva.

- Qvortrup, J. (2000) - *Generation an important category in sociological childhoodresearch. In VV.AA. Os Mundos sociais e culturais da infância. Actas do Congresso (II). (102-113). Instituto de Estudos da Criança.*
- Ramos, Natália, (2005) - *Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 39, nº 1.*
- Ramos, Natália, Marujo, Manuela & Baptista, Aida, (2012) - *A Voz dos Avós – Migrações, Memória e Património Cultural. Gráfica de Coimbra 2*
- RIBEIRO, Alessandra; GOMES, Luciy; JANSEN Carmen (2010) - *Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. Artigos Originais.*
- Robertson, J. F. (1976) - *Significance of grandparents: Perceptions of young adult grandchildren. The Gerontologist.*
- Royo, M. T. (2000) - *Sociedad y vejez: la familia y el trabajo.. Editora Pirámide.*
- Sant’Ana, R. (2012) - A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: relações intergeracionais. *Educação, 35(2), 253–267*
- Rosa, Maria; Chitas, Paulo (2010) - Portugal: os números. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sanders, G. & Trygstad, D. (1993) - Strengths in the grandparent-grandchildren relationship. *Activities, Adaptation and Aging, 17 (4), pp. 43-53.*
- Santos, Maria (s/d) - Família e “socialização” – Um aspeto da evolução social contemporânea. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253589K0xTB3uv8Hy76SY8.pdf> consultado a 28 de Setembro 2019
- Santos, V.A. (2005) - *Pais que retornam a residir com os filhos na velhice. novas ou velhas parcerias? Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontificia Universidade Católica.*
- Samagaio, Florbela (2016) - *Considerações sobre a importância da família na socialização: O que dizem as crianças? Instituto de Sociologia.*
- Sampaio, D. (2008) - *A razão dos avós. 2ª edição. Caminho.*
- Saraceno, C. & Naldini, M. (2003) - *Sociologia da família. Editorial Estampa.*

- Sarmiento, M. (2005) - *As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*. Edições Asa
- Schenker, Miriam (2005) - *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. [Tese de doutoramento em Ciências. Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, 2005, 182p
- Schmidt, C. (2007) - *As relações entre avós e netos: Possibilidades co-educativas?* Dissertação de Mestrado.
- SELLTIZ, Claire (1987) - *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2a edição EPU editora.
- Silva, D. V., & Salomão, N. M. R. (2003) - *A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês*. Estudos de Psicologia.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016) - *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.
- Smorti, M., Tschiesner, R., & Farneti, A. (2012) - *Grandparents-grandchildren relationship*. Procedia-Social and Behavioral Sciences, nº46.
- Souza, Rosângela Ferreira de; SKUBS, Thais and BRETAS, Ana Cristina Passarella (2007) - *Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem*. Revista Brasileira de Enfermagem.
- Teiga, M. (2012) - *As relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas*. Instituto politécnico de lisboa - Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Thomas, Louis-Vincent (1993) - *En découdre avec les valeurs, in Équipe de Recherche CMVV*, pp. 9-16.
- Torres, A. C. (2001) - *Sociologia da Família e do Casamento*. Celta Editora, ISBN 972-774-080-4.
- TORTELLI, Ir. Teresinha (2014) - *Guia do Líder da Pastoral da Pessoa Idosa*. Pastoral da Pessoa Idosa, 2014.

- Viegas, M. (2011) - *Transferência de Habilidades Intergeracional, Incerteza e Emancipação na Formação dos Trabalhadores*. Revista Reflexão e Acção, 19(1), 251–270.
- Villas-Boas, Susana, Oliveira, Albertina, & Ramos, Natália (2015). *Gender and intergenerational programs. Private world(s): Gender and informal learning of adults (pp. 121-134)*. Sense Publishers
- Vilhena, Lisboa; Teresinha, Feres-Carneiro; Bernardo, Jablonski (2007) - *Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira, Psicologia em estudo*, vol12, nº1
- VITALE, Luis (2007) - *Modos de producción y formaciones sociales en America Latina*. Luis Vitale: obras escogidas, Santiago-Chile, [198-]. Disponível em: . Acesso em: 4 dez. 2007.
- Zanatta, Edinara; Arpini, Dorian (2017) - *Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva das avós maternas*. Estudos e pesquisas em Psicologia, vol.17, nº1

## **Anexos**

## **Anexo 1 – Panfleto**

## Objetivos:

Neste projeto pretendemos alcançar os seguintes objetivos:

- Promover a comunicação entre as crianças e as pessoas mais velhas;
- Estimular a aprendizagem através de atividades intergeracionais;
- Fortalecer a relação entre as crianças e os seus avós;
- Incutir valores, sendo eles de respeito e paciência com as pessoas mais idosas;
- Promover a visita e o contacto com os idosos do lar São Tiago.



## Projeto

Somos alunos do 2º ano de Mestrado em Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Bragança. No âmbito da prática profissional, estamos a realizar um estágio com o seu educando e como tal pretendemos dinamizar um conjunto de atividades relacionadas com o nosso projeto intitulado: **A importância da intergeracionalidade no desenvolvimento da criança.**

Neste projeto pretendemos proporcionar experiências com pessoas idosas, um principalmente proporcionar momentos de lazer entre avós e netos, fortalecendo assim os seus relacionamentos, incutindo às crianças a importância que os idosos podem ter na sua vida, tentando assim diminuir a taxa de solidão das idosas.



As vivências com os avós poderão proporcionar às crianças a introdução de vários valores, importantes para a sua educação, sendo eles o respeito, a paciência, a transmissão de conhecimento e acima de tudo de sabedoria.

Fonte: Child Psychology Trust. Folders disponíveis em inglês em [www.usdentandlogchildhood.net](http://www.usdentandlogchildhood.net)

## Intergeracionalidade: Conceito



## A importância da intergeracionalidade no desenvolvimento da criança: **Relação com os avós**

Os relacionamentos para além da família imediata (pai, mãe, irmãos) podem trazer uma contribuição positiva para o desenvolvimento emocional da criança e para a pertença que ela tem de si mesma. Um relacionamento independente e bem conduzido entre avós e netos é preciso para todos.

**CENTRO ESCOLAR  
SANTA MARIA  
J./E.B.1**

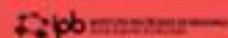
No mundo multicultural de hoje, as crianças crescem experimentando uma ampla variedade de situações familiares, algumas crianças fazem parte de uma família extensa, outras apenas vivem com uma família mais reduzida.

## Tornar-se Avó ou Avô

Muitos dos avós, hoje em dia, são jovens com uma vida social ativa, e alguns ainda trabalham, desta forma poderão favorecer a oportunidade de manter contato com esta geração.

Ter contacto com os netos pode dar aos avós um sentido de própria continuidade, a certeza de que a vida continua.

A vida deles pode receber um significado e uma finalidade a mais, com a confiança renovada de que ainda são úteis e têm valor.



Cooperativa da Instituição  
Filomena Almeida

Professora supervisor da EMEB:  
Luís Cortesinha

Estagiária: Mariana Pereira

08 de agosto de 18

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Cara(o) pai, mãe ou encarregado de educação

O presente questionário insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, com o tema: “Intergeracionalidade”.

É meu propósito conhecer a opinião dos pais e encarregados de educação, de modo a compreender melhor os benefícios que a relação criança-idoso favorece o desenvolvimento do seu educando. Por conseguinte, a colaboração que lhe solicitamos é muito importante para a concretização deste estudo, cujos resultados, poderão contribuir para a continuada melhoria das práticas educativas. As respostas ao questionário são anónimas e confidenciais.

Agradeço a sua colaboração.

(Mestrando Madalena Pereira)

**Colocar X na opção que acha mais próxima da sua realidade**

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** F  M

**1 - Os avós vivem na mesma cidade que o seu educando?**

Sim  Não

**2 - Os avós vivem na mesma casa que o seu educando?**

Sim  Não

**3 - Com que frequência o seu educando vê/ tem relação com os avós?**

1 a 2 vez por semana  1 a 2 vez por mês  1 a 2 vez por ano

**4 - Acha que esse contacto com os avós melhora o desenvolvimento do seu educando?**

Sim  Não

**5 - Em que características é notório esse desenvolvimento?**

Transmissão de valores  Transmissão de conhecimento  Educação   
Brincadeira  Social  Nenhum

Outro: \_\_\_\_\_

**Anexo 3 – Guião de entrevista do Jardim de Infância.**

**Estrutura da entrevista** – semiestruturada de perguntas abertas, permitindo a livre expressão dos entrevistados.

**Entrevistados** – Crianças com 4/5 anos, em contexto de Jardim de Infância

**Tema** – A intergeracionalidade, como desenvolvimento para a criança

**Objetivo geral** – Procurar junto das crianças os benefícios que a relação com os avós trás para o seu crescimento

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Formulário de perguntas</b>	<b>Tópicos</b>
Bloco I - Legitimação da entrevista;	- Posicionar e informar o entrevistado do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.		Tentar desenvolver um ambiente de confiança, empatia e abertura, motivar, agradecer antecipadamente, informar sobre a importância do seu relato, referir os princípios éticos e deontológicos – confidencialidade, anonimato e sinceridade;
Bloco II – Visão do idoso na sociedade;	Identificar a ideia que a crianças tem acerca dos idosos;	1.º – A partir de que idade consideras uma pessoa idosa 2.º – Quais os fatores que te levam a considerar uma pessoa idosa? 3.º – No teu ponto de vista qual a importância de um idoso na sociedade? 4.º – Para ti as pessoas mais velhas são: 5.º – Costumas conviver com idosos?	Tentar perceber se a ideia é positiva ou negativa relativamente às pessoas idosos, se existe convivências e se se relacionam.

<p>Bloco III – Relação avó - neto;</p>	<p>Reconhecer se existe relação com os avós e se estes são portadores de conhecimento</p>	<p>6.º – Tens relação com os teus avós?  7.º – Gostas de passar tempo com os teus avós?  8.º – O que fazes quando estás com os teus avós?</p>	<p>Tentar perceber as atividades que são feitas com os avós, se eles gostam desses momentos e quais as aprendizagens que adquirem</p>
--	---	---	---

## **Anexo 4 – Questionário 1.º Ciclo do Ensino Básico**

### **QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Caro(a) aluno(a)

O presente questionário insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, com o tema: “Intergeracionalidade”.

É meu propósito conhecer a sua opinião, de modo a compreender melhor os benefícios que a relação criança-idoso favorece o seu desenvolvimento. Por conseguinte, a colaboração que lhe solicitamos é muito importante para a concretização deste estudo, cujos resultados, poderão contribuir para a continuada melhoria das práticas educativas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. As respostas ao questionário são anónimas e confidenciais.

Agradeço a sua colaboração.

(Mestrando Madalena Pereira)

**Colocar X na opção que acha mais próxima da sua realidade**

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** F  M

#### **1 - A partir de que idade consideras uma pessoa idosa?**

+ 55 anos  + 65 anos  + 75 anos

Outro: \_\_\_\_\_

#### **2 - Quais os fatores que te levam a considerar uma pessoa idosa?**

Idade  Aspeto Físico  Mobilidade  Reformado

Outro: \_\_\_\_\_

#### **3 - No teu ponto de vista qual a importância de um idoso na sociedade?**

Dispensáveis, são chatos  Úteis, porque tem muito conhecimento

É indiferente  Outro: \_\_\_\_\_

**4 - Para ti as pessoas mais velhas são: (escolher 3 opções)**

- Pessoas com sabedoria  Resmungonas  Pessoas agradáveis   
Isoladas  Doentes  Inúteis  São muito importantes   
Não são importantes  Outro: \_\_\_\_\_

**5 - Quando vês uma pessoa idosa como te comportas?**

- Respeitas  Evitas  Ajudas  Cumprimentas   
Dás atenção  Outro: \_\_\_\_\_

**6 - Costumas gostar de estar com idosos?**

- Sim  Não

**7 - Quando estás com idosos consideras que:**

- Podes aprender com eles  Não aprendes nada   
Não gostas de estares com eles  Eles podem aprender comigo   
Outro: \_\_\_\_\_

**8- Vives com os teus avós?**

- Sim  Não

**9 - Que papel achas que os teus avós desempenham?**

- Pessoas que brincam com os netos e transmitem valores   
Pessoas que cuidem dos netos e transmitem educação   
Pessoas que ajudam os pais   
Outro: \_\_\_\_\_